

Irún Sant'Anna Para Prefeito de Magé

PATRIOTA E MÉDICO DO POVO



AINDA ginecista, em 1930, Irún Sant'Anna iniciou-se nas lutas pelas reivindicações populares e os interesses nacionais. Jovem estudante no Distrito Federal, foi um dos dirigentes da campanha contra os aumentos das taxas escolares determinados pelo ministro da Educação da época, senhor Francisco Campos. Em 1935 fez parte do Núcleo de Estudantes de Medicina da Aliança Nacional Libertadora, tomando

posição decidida na luta contra o fascismo e a dominação imperialista. Durante o período da opressão estadonovista não encolheu a bandeira da luta democrática, militando ativamente no movimento universitário que prosseguiu o combate pelas liberdades e contra o fascismo. Foi um dos principais organizadores do Congresso Nacional de Estudantes, de 1938, que deu à União Nacional de Estudantes um papel destacado na resistência à primeira ditadura de Vargas. No período da guerra patriótica do povo brasileiro contra o nazi-fascismo, Irún Sant'Anna foi um dos militantes mais ativos da Liga de Defesa Nacional, que agitou em memoráveis campanhas o povo carioca para a tarefa histórica do momento, que era o esmagamento das forças agressoras dirigidas por Hitler e Mussolini. Trabalhando, desde então, como médico, em Magé, o dr. Irún Sant'Anna ligou-se desde logo às lutas do povo daquele município, fundando ali uma Comissão de Ajuda à FEB e que foi das mais ativas em todo o país. Em 1947, eleito vereador pelos trabalhadores e os patriotas de Magé, foi ali um dos mais combativos representantes do povo, defendendo sem vacilações todas as reivindicações populares. Nunca interrompeu suas atividades de médico do povo e de patriota consequente. A par de seu trabalho profissional desenvolveu intensa atividade nas diversas campanhas em defesa da paz, do petróleo e das riquezas nacionais, contra o infame Acordo Militar Brasil-Estados Unidos; dirigiu as greves dos têxteis de Magé por aumento de salários e contra a cláusula escravagista da assiduidade integral, assim como manifestações de resistência de Cabo Frio contra o racionamento de metrópoli. Em todas estas lutas encontrou a reação política dos governantes opressores do povo fluminense, mostrando não vacilar, nem mesmo diante da violência oficial, para defender as causas populares.

CENTENAS DE PERSONALIDADES E DE TRABALHADORES MAGEENSES INDICAM O NOME DO CONHECIDO MÉDICO E PATRIOTA PARA O EXERCÍCIO DO MUNICÍPIO FLUMINENSE — "PRECISAMOS DE UM GOVERNO DIFERENTE DO ATUAL E DE SEU ANTECESSOR", DECLARAM OS SIGNATÁRIOS DO MANIFESTO DE APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA

«AO OPERARIADO E AO POVO DE MAGÉ

NOSSE MUNICÍPIO, pela extensão de seu território e fertilidade de suas terras, por suas grandes fábricas, pelos seus numerosos rios e grande litoral, pela sua proximidade da Capital Federal, por ser cortado de estradas e, principalmente, pelas características laborais e progressistas de seu povo, tem todas as condições para ser uma das unidades administrativas mais adiantadas do Estado do Rio de Janeiro. Infelizmente, as últimas administrações municipais não contribuíram para colocar Magé em seu verdadeiro lugar. Sofocaram a prática das liberdades democráticas. Concorreram para a maior exploração da classe operária e nada fizeram pelo desenvolvimento da agricultura. Não adotaram medidas que impedissem a falência de fábricas. Levaram, por meio de escorchan-

tes impostos, numerosas casas comerciais a fechar suas portas. Nenhuma providência tomaram contra o constante e cada vez mais grave racionamento de energia elétrica, tudo isso concorrendo para o desemprego de milhares de operários, a diminuição das atividades industriais e comerciais do município e o crescente aumento do custo da vida e maiores dificuldades para o povo. Urge modificar situação tão ruínoza. É necessário desenvolver a produção industrial e agrícola de Magé, é necessário dar melhores salários e melhores condições de vida à sua classe operária e aos seus homens do campo, é necessário oferecer o gozo dos direitos democráticos e maior conforto a seus habitantes. Mas, para isso, precisamos de um governo diferente do atual e de seu antecessor.

É esse governo só poderia ser exercido por quem, conhecendo profundamente e intimamente os problemas do município, tenha no mesmo tempo experiência das lutas políticas. Por atender a essas exigências indicamos IRUN SANT'ANNA, que, como vereador, soube honrar seu mandato, e nos projetos e moções apresentados melhor tratou dos interesses do município, deixando marcada, de maneira positiva, sua passagem pela Câmara Municipal de Magé, batalhador de todas as causas que levam ao progresso do Brasil e da Humanidade, tais como as lutas pela paz, pelas liberdades democráticas e a emancipação nacional, sanitarista de valor reconhecido, um dos clínicos de maior renome de nosso município.

lidade do governo municipal, constituímos-nos em COMISSÃO PELA SUA CANDIDATURA. Estamos certos de que os operários de todas as fábricas, os camponeses, os funcionários, os comerciantes, os profissionais, os professores, os profissionais liberais, os pequenos e médios industriais, as donas de casa, os jovens que vêm em IRUN SANT'ANNA seu legítimo defensor, saberão formar em seus locais de trabalho e de moradia COMISSÕES que servirão de base à nossa COMISSÃO CENTRAL.

A COMISSÃO CENTRAL espera ainda ver-se apoiada pelos milhares de cidadãos e cidadãs magesenses aos quais pede que, por meio de cartas ou visitas, tragam a sua valiosa adesão, aos critérios eleitorais seguintes: Av. Padre Anchieta 116 — Magé; R. Petrópolis 188 — Santo Aleixo; Fragoço — Vila Inhomirim.

res; Mário de Oliveira; Osvaldo da Cunha Barbosa; Iris de Aguiar; Teresa de Aguiar Barbosa; Olívia Silveira Daudt; João de Sousa Almeida; Maria Neza Pôrto; Herval Gonçalves Siqueira; Leopoldina da Silva; Zefirino Gonçalves de Sousa; Hermenegildo José Muniz; Francisco de Sousa; Tiago Galdino da Silva; Gilberto Motta; Emílio Lourenço de Sousa; Arlindo Laurindo; Juvenal Virgílio; Acácio de Paula; Euclides Muniz; Manoel Cordeiro Dias; Amado Soares da Silva; Manoela da Silva; Marcelina Cabral dos Santos; Marinho Ferreira Leal; Irany Antunes de Araújo; Clirio José de Proença; Corina de Marins; Maria Gomes de Jesus; Nelson Manoel Fares; Teodomiro Ferreira; Adib Rosa Pereira; Maria Pires Ferreira; Djalma Rodrigues da Silva; Salvarino Elias Moreira; José Almeida Leite; Alvinio Joaquim da Silva; Miriam Chateaubriand Chaves; Francisco Vidal; Milton Castano Rodrigues; Armindo Dias Gomes; Aristau Garcia; Francisco Pontes Filho; Antônio Botelho Lopes; Sebastião Massa; Dercides Pacheco; Alexandre dos Santos; Canuto Silva; João Cuatrecasas; Arlindo Luciano Barbosa; Antônio José Miranda; Elvira Fernandes; Jurel Bernardes; Geraldo Santos Bastos; Exerto Silva; Teresa Nunes; Izacil Gomes; João Pedro de Oliveira; Manoel Bardeles; Millito Botelho de Castro; Walderedo Fontes; Dimas Merida Botelho; Edgar Bruno; José Raimundo Ignácio; Vitalino dos Santos; Belarmino dos Santos; Irani Costa; Ernestina Quintanilha; Porcides Oliveira; Dionizilo Cunha; Claudio Augusto; Xistina Costa; Quintanilha; Jacy Costa; Manoel Martiniano da Costa; Odete Pinheiro da Costa; João de Gouveia; Balbino Gouveia; José Maria; Teresa Gomes; Mário; Irineu Costa Nicuara; Rosa Gomes; Manoel Luiz dos Santos; Inercy Costa; Rodolfo Gouveia; Magueta Santos; Hélio Gouveia; Alípio Machado; João Jorge Filho; Moacir Farias; Seratino Simão; Manoel Pedro de Sousa; Abigail de Sousa; José Avelino Cavalcanti; Brásilina Medeiros; Antônio Teodoro; José Teodoro; Bráulio de Sousa; Antenor Mariano; Joaquim Lopes; Antônio L. Braga; Joaquim F. Lima; Francisco Santos; Siro de Abreu; Moacir Rosa; Ezequiel de Oliveira; Roberto Caldas; Alvaro Caldas; Zilda Caldas; Francisco Nascimento; Antônio de Sousa; Horácio dos Santos; Angela Pereira dos Santos; Aristides Alves Moreira; Augusto Adolpho de Spuza Neto; Sebastião Francisco da Silva; Pedro Francisco da Silva; Ary de Moura Bastos; Gervásio Sousa Mala; Filipe Gervásio Sousa Mala; Sebastião P. Farias; Waldeirino Elias; João Gomes da Silva; Manoel José de Oliveira; Romana de Castro Oliveira; Américo de Moraes; Sebastiana de Moraes; Dirce da Luz; Ana de Souza Castro; Jorellino de Moraes; Nicodemus de Sousa Castro; Ary Tavares da Silva; Antônio Malinosky; Silvio Lopes da Silva; Nilton Malheiros; Ana Simões; Anália Simões; Elza Simões; João Benevenuto; Davi Coutinho; Francisco Vitoriano; Joveniano Carvalhoso; Júlia Felcissima; Carmozina de Carvalho; Euríclides Sampaio; Carlos Leandro da Silva; Erodio Francisco da Silva; Leonilda Duarte Lopes; Zenir Lopes da Silva; Wilma Silva; Joaquim Lopes da Silva; Maria das Dores, operária; Maria Nazaré Magalhães, doméstica; Maria Magalhães, doméstica; Arlinda Azevedo, doméstica; Emanuel Aires de Oliveira, lavrador; Antônio Aquino de Santana, operário; Antônio Gregório de Almeida, trabalhador rodoviário; Maria Sampaio de Alvaranga, comerciante; Manoel Rodrigues Alves; Maria Leopoldina de Oliveira, doméstica; Luzia de Santana de Sousa, doméstica; Alcides Lajes da Silva, mecânico; José Lopes da Silva, mecânico; José Ferreira, lavrador; e Duca Valeriano, lavrador.

ASSINATURAS

Dr. Ismael Jacob Averbach, Ex-prefeito de Magé; José Aquino de Santana, Vereador à Câmara Municipal de Magé; Felipe Figueira-comerciante; Wanderley Garcia Tares-diplografo; Dr. Décio Gomes Pinto-dentista; João Ignácio da Silva-comerciante; Decioleio Gonçalves de Souza-operário; Joaquim Leitão-comerciante; Alexio Curique-estudante; Olívia Azevedo-doméstica; Antônia Macedo-Souza-doméstica; Maria Narazeth de Jesus, doméstica; João José dos Santos-comerciante; José Rodrigues-comerciante; Edson Farias-comerciante; Elina Nunes da Silva-operária; Odil Pereira de Azevedo-motociclista; Lúcia da Costa Marchion-doméstica; Manoel Marchion-doméstica; Alzira da Silva Valença-operária; Alzira Macedo-operária; Leonor Brito Macedo, doméstica; Franklin Caldeira-comerciante; Delso de Oliveira-comerciante; Domingos Francisco Furtado-comerciante; Benedito de Barros-operário; Leo-

nor de Barros-doméstica; Gerson Combat-operário; Euzélio Joaquim Pinto-comerciante; José Rodrigues-Sant'Anna-comerciante; Nilza Gouveia Rodrigues-vereadora à Câmara Municipal de Magé; Osvaldo Gouveia-operário; Erolides Lopes-operária; Geny Guimarães Rang-dix-operária; Augusto Daud-dix-operário; José Francisco Ramos-comerciante; Manoel Quintanilha Pires-comerciante; Francisco Jovencio da Silva-motociclista; Anílio Auxiliador de Souza-comerciante; Elizabeth do Espírito Santo-servente-enfermeira; Potronilha Alves-operária; Lourenço Quintanilha-operário; Arlindo Costa-operário; Manoel Lopes Pecanha-comerciante; Manoel Silvestre de Freitas-ferroviário; Waldemar Gonçalves, ferroviário; A. Bernardo Santos-ferroviário; Manoel Sena Filho-ferroviário; Arquimínio Rodrigues-operário; Nelson Romancelli-comerciante; Ney Listo-operário; Tra-

jano da Silva Castro-operário; Evangelino Gomes-operário; Luiz Simões-operário; Darcy Câmara-operário; José Agalodoro de Alvaranga-comerciante; Joaquim Gouveia Junior; Daniel de Assumpção-comerciante; Waldemar de Souza-mecânico; Milovoria Martins da Silva-operária; Laura Moraes da Silva-doméstica; Zenith Maria Badini-doméstica; Alzira Gonçalves Moreira-doméstica; Francisco Farias de Almeida-comerciante; Maria Francisca Moreira-operária; Arlinda Moraes-doméstica; Waldyr de Aguiar-comerciante; Abel Neves Farias, operário; Nelson R. Matos-estudante; Namir Lima Figueira, doméstica; Dulciana Francisco de Azevedo, operária; Laura Fariense Torres, doméstica; Emília Fariense Cruz, doméstica; Jahir Grion, operário; José Fernan-

des, enfermeiro; Henrique Soares de Souza, operário; Lucila de Souza, operária; João Muniz, operário; Joaquim Aguiar, comerciante; Olímpio de Carvalho, operário; Daniel Rodrigues de Almeida, operário; Aryquerino Silva, operário; Rolando Cidade, operário; João Braga, operário; Salatiel Ferreira da Silva, operário; Juliana Rodrigues, operário; Alcides de Macedo, operária; Hilda Tinoço, doméstica; Marciano Fonseca, operário; Cândido Cabral da Silva, lavrador; Anuncieta Maria da Silva, doméstica; Gelcinda Bruno Nascimento, operária; Talita Silva, operária; Judith Moreira, operária; Juvenina Moreira, operária; Claudina de Souza, operária; Abel Almeida, operária; Flávia Silva, operária; Maria Moreira do Nascimento, operária; Severino Felix do Nascimento; Virgínia Fagundes da Silva, doméstica; Maria da Conceição, doméstica; Corina Machado, operária; Antonia Maria da Silva, operária; Narciza Vieira Gama, operária; Palmiro Gama, operário; Judith Oliveira Ramos, operária; Saturnino Gonçalves de Souza, pedreiro; Ernestina Gonçalves de Souza, operária; ardelina Maria da Conceição, operária; Didier Gonçalves de Souza, operário; Virgílio da Costa Gama; Isabel M. Conceição, operária; Damasceno Ferreira, operário; Angelina de Abreu, operária; Maria José, doméstica; Rodolfo Bastos, operário; Ida-

ATENÇÃO NITERÓI!

JARDIM SANTA FILOMENA

O melhor loteamento de Alcântara está ao alcance de todos mediante a entrada de apenas Cr\$ 290,00 e prestações mensais também de Cr\$ 290,00 SEM JUROS

Lotes todos planos em ruas abertas, com água, luz, plantados com árvores frutíferas, junto a amplo comércio, o qual consta de armazéns, açougues, farmácias, etc., perto de igrejas e escolas. Condução em abundância durante todo o dia. Posse imediata.

Local de encontro: Av. Pres. Vargas, 446, 5º andar, sala 507-A, das 8 às 10 horas, diariamente.

Informações e vendas com exclusividade do Corretor

VITALINO FERREIRA DA SILVA

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 446

5º andar — sala 507-A

Tel.: 43-8653

Dr. Armando Ferreira

Clínica Médica — Especialidade: tuberculose e doenças pulmonares pneumotorax artificial

Consultório e residência Travessa Manoel Coelho 208 — Telefone 5753 — (São Gonçalo)

Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro e Similares do Rio de Janeiro

Sede Própria: RUA DO SENADO, 284-286 — TEL.: 32-3607

Atenção, Sócios e Não Sócios!

A Diretoria e a Comissão Pró-Extinção Total do Desconto de Alimentação levam ao conhecimento dos companheiros que trabalham em Hotéis, Restaurantes, Bares, Sorveterias, Confeitarias, Cafés, Pensões, Tendinhas e Similares o seguinte:

a) não entrem em acordo sobre qualquer desconto com seus patrões, ANTES DE OUVIR SEU SINDICATO;

b) Compareçam à grande assembleia que o Sindicato realizará no dia 27 do corrente, às 14,30 horas, para tomar conhecimento dos motivos pelos quais não devem permitir o Desconto-Alimentação;

c) O Sindicato, em Assembleia realizada no dia 19 do corrente mês, resolveu colocar à disposição dos trabalhadores em nosso ramo profissional, sócios e não-sócios o SERVIÇO JURÍDICO, afim de orientar juridicamente a Diretoria e a Comissão acima referida, na forma de lutar pela abolição do Desconto de Utilidades;

d) A Diretoria e a Comissão Pró-Extinção do referido desconto solicitam o comparecimento dos companheiros à Assembleia Geral no dia e hora acima mencionados.

SILVERIO MANOEL DA SILVA
Pela Diretoria e Comissão

Peça CAFÉ PAULICÉA

O Café 100% Costoso

RECUSE IMITAÇÕES

O Meu, o Seu, o Nosso Café

BAIRRO SACIL

Situado na VILA DA PENHA

O MELHOR LOTEAMENTO DO DISTRITO FEDERAL — A 25 MINUTOS DA PRAÇA MAUA!

Lotes comerciais e residenciais. Junto de todo comércio e de toda condução. Ruas asfaltadas, água, luz, galeria de esgotos, etc. Com a entrada a partir de Cr\$ 9.450,00 e prestações a partir de Cr\$ 1.290,00 vendemos os lotes acima anunciados. Facilitamos a entrada. Venda exclusiva de **VITALINO FERREIRA DA SILVA**, o corretor que vende terrenos que valem ouro. Avenida Presidente Vargas, 446 — 5º andar — Sala 507-A — Telefone: 43-8653

ou na Praça do Carmo n.º 890-A, com Jayme

Atendemos dentro do loteamento, a Estrada Braz de Pina, n.º 2110, com AIRTON

Departamento de vendas:

Diariamente, inclusive aos domingos e feriados, nos seguintes locais:

Estrada Braz de Pina, 59, sala 202, com Magalhães (ao lado do portão da Igreja da Penha)

AA

Estrada Braz de Pina, 1496 — Largo do Bicaõ, com Luiz Carlos

AA

Rua Uranos, 1048 — Tel.: 30-5694, junto à Cancela de Ramos, com Lucena

AA

Estrada Braz de Pina, 1539-B — Largo do Bicaõ (Ponto final dos ônibus 89 e 90, com Ferreira ou Bibiano)

AA

Rua Lobo Junior, 1868, sala 304 — com Geraldo. Próximo à Rua Enes Filho

AA

Rua Lobo Junior, 2230, sala 203 — Tel.: 30-1554, com Oscar — Junto ao Hospital Getúlio Vargas

AA

EM IRAJÁ: Avenida Automóvel Club, 2774 — com Teodomiro

AA

Avenida Nova York, 48, Bonsucesso — Tel.: 30-8742, com o sr. Rubens

POPULAR

Diretor:
PEDRO MOTTA LIMA
Telefone: 32-4234

Reportagem 32-8518

Redação e Administração:
RUA GUSTAVO LACERDA
n.º 19-Sob. — Rio de Janeiro

VENDA AVULSA

Número do dia 1,00
Número atado 2,00

ASSINATURAS

1 ano	200,00
6 meses	120,00
3 meses	70,00

EXTERIOR

1 ano	300,00
6 meses	200,00
3 meses	100,00

SUCURSAL
EM 340 PAULO.

Rua dos Estudantes n.º 24, sala 20

SUCURSAL EM NITERÓI:
Rua Alameda de Uruguai n.º 48-Sobrado — sala 108

CANÇÕES DE MEIO SÉCULO

Triste, tristíssimo cochilo do gostoso cinema italiano.

A. GOMES PRATA



GINEMAS

1712 - 37.7234
 CAS aventuras de
 Victor Pina
 1713 - 47.1144
 "Música e lágrimas"
 1714 - 27.8245
 "O tesouro de canifa"
 1715 - Sessões
 passatempo

1716 - 27.1222 - Vieira,
 RADIO
 1717 - Arena de Nôta, às 20,30 hs.
 1718 - O JORNAL DO BRASIL: "Pequenas histórias e grandes coisas" às 21,30 hs.
 1719 - METROPOLITANA: Rádio-batias, às

de Giulio de Luca. Interpretação de Guido Lazzarini, Antjeika Hauf, Luigi Picchi. Partitura musical de Cláudio Santoro. — Esta produção de Mário Olivelli, o italiano que já afundou Maristela e a Multifilmes, tipifica o que se pode fazer de bom em questão de cosmopolitismo. A história, apesar do título, pouquíssimo tem a ver

Desenho de Chlau DEVEZA

Caricatura Polonesa

do era nenhuma Doris Day. A crítica estrangeira apontou muitos defeitos neste filme, e não é de admirar, mas há quem goste da cantora, há mesmo quem goste de Howard Keel, e esses nós dois daríamos palte. Como, porém, sabemos que os nós não leem esta seção, ou-

A. Gomes Prata

«História Proibida»

RÁDIO ESCUTA

IMPRESA POPULAR ★ Página 4

ARDIDA COMO PIMENTA (Calamity Jane)

Produção norte-americana da Warners (1953). Direção de David Butler. Roteiro de James Hanlon. Cinematografia em Technicolor de Wilfred Cline. Coreografia de Jack Donohue. Interpretação de Doris Day, Howard Keel, Alyce Miller, Philip Carey. — Mals uma fantasia sobre Calamity Jane, não era nenhuma Doris Day. A crítica estrangeira apontou muitos defeitos neste filme que não é de admirar, mas quem goste da cantora, há quem goste de Howard e a esses nós não daríamos pite. Como, porém, sabemos, às vezes não leem esta seção, escrevemos para quem não lê.

pe Valente, que ainda enreda
ulta gente em sua tela cine-
ascópica, a semana que entra

receberá uma representação, os herdeiros do Coração (Humoroso), dirigida por Jean Negulesco, com a interpretação de Jeanette MacDonald e Charles Levinsky, Jean Crawford, Charles Levinsky e Jeanette MacDonald, que faz a namorada de Garfield. Na época de seu lançamento (1947), o filme foi superestimado por muitos críticos, principalmente

STA oficialmente convidado o júri de escritores que

embara a "MELHOR PEÇA TEATRAL ORIGINAL E AO ENCENADA" no maior concurso literário até hoje instituído no Rádio brasileiro: Prêmio Rádio Jornal do Brasil, de Cr\$ 20.000,00. Compõem-no entre outros, Bibi Ferreira e Aníbal Machado. Brevemente serão dados a conhecer as bases do concurso, que terá âmbito nacional.

IMPRESA POPULAR - Página 4

THE MEMORIA FOR CLAR ★ Pagina 4

colocam ao lado dos interesses internacionais, reafirmam as classes dominantes e defendem a política de alienação da soberania pátria, a favor do petróleo, arcos monárquicos, bases militares, etc. e aceitam que sejamos acorrentados pelo inimigo. Se os Estados Unidos, somente esses sustentam este processo que degrada a moral, a cultura, a vida, o progresso, democracia e cultura de nosso povo. E esses são justamente os senhores que querem que as nossas instituições desrespeitem a Constituição e sejam leis fascistas com as quais se possam fazer as coisas

LEIA

os **4** volumes

da Coleção
ROMANCES DO POVO
Direção de Jorge Amado

- 1 - Boris Polevói
UM HOMEM DE VERDADE
A inteligência, a tenacidade e a audácia do bravo pilão fizeram dele um homem de verdade.
- 2 - Nikolai Ostrovsky
ASSIM FOI TEMPERADO O AÇO
História real de um jovem de tempera de aço que viveu e lutou como um bravo.
- 3 - Ferreira de Castro
A LÃ E A NEVE
Um romance que prende a comeu da primeira à última página.
- 4 - Tikkon Slomátschkin
O GRANDE NORTE
Nas regiões misteriosas do Polo, homens primitivos lutam por uma nova civilização.

EM TODAS AS LIVRÁRIAS

Greve, Dia 30, se Não Sair o Salário - Mínimo

— No próximo dia 30, em assembleia-monstro, os 14 mil ferroviários da Leopoldina decidirão pela greve, caso até lá o governo mantenha o propósito de não cumprir o decreto do salário-mínimo.

Essas as primeiras palavras do líder ferroviário e presidente do Sindicato, sr. Demisthoclides Batista, na entrevista que nos concedeu ontem.

Firme decisão dos ferroviários da Leopoldina a fim de assegurar um direito líquido — Declarações do presidente do sindicato, Demisthoclides Batista

— Não receberemos os salários — prosseguiu — enquanto não tiverem sido reajustados para 2.400 cruzeiros. O líder ferroviário considera que a atitude do governo querendo fugir ao pagamento do salário-mínimo demonstra

tra a falsidade de suas promessas e é um estímulo ao patronato para fugir também ao seu cumprimento.

— Se os ferroviários forem obrigados a ir à greve para assegurar o direito que a lei nos concede — afir-

mou — o governo será o único culpado pelas consequências da paralisação.

A ASSEMBLEIA

Na assembleia do dia 30 os ferroviários comemorarão o primeiro semestre de atividades da atual diretoria de seu Sindicato. Os diretores da entidade apresentarão um relatório das realizações e vitórias conseguidas nesse período.

Vida Sindical

Assembléias

Comércio armazenador

Assembleia geral extraordinária, no Sindicato dos Trabalhadores no Comércio Armazenador do Rio de Janeiro, no próximo dia 27, às 16 horas.

Ordem do Dia — Leitura e aprovação de atas anteriores; expediente; marcar data

Vendedores de feiras

Assembleia geral extraordinária da Associação Profissional dos Vendedores em Cabeceiras de Feira do Rio de Janeiro, no próximo dia 29, às 18,30 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Meta-

de posse da atual diretoria a autorizar verba para as despesas; autorizar a diretoria a fazer uma série de reuniões, entre as quais contratar técnico para reorganizar o serviço de arquivo; matrícula de beneficiários.

lógicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Rio de Janeiro, à Rua do Lavradio, 181. Ordem do Dia: apreciação das atividades da atual diretoria; assuntos gerais.

Operários municipais

Assembleia geral extraordinária, na União dos Operários Municipais, no próximo dia 27, às 18 horas. Ordem do Dia: prestação de contas do exercício de 1953-54.

Eleições

Oficiais de Máquinas

Eleições, no dia 27 de agosto próximo, no Sindicato Nacional dos Oficiais de Máquinas da Marinha Mercante, para renovação da diretoria e Conselho Fiscal e Representantes junto à Federação. Acha-se inscritas três chapas, encabeçadas, respectivamente, por Florivaldo Correia dos Santos, Agostinho José de Queiroz e John Schnoor.

Despachantes aduaneiros

Eleições, no próximo dia 30, no Sindicato dos Despachantes Aduaneiros do Rio de Janeiro, para renovação

de diretoria e conselho fiscal. Acha-se inscrita uma chapa, encabeçada pelo sr. Antônio José Porto Guimarães.

Radiotelegrafistas

Eleições, no dia 4 de agosto próximo, no Sindicato dos Radiotelegrafistas do Rio de Janeiro, para renovação de diretoria e conselho fiscal.

Comerciários

Eleições, nos dias 3, 4 e 5 de agosto próximo, no Sindicato dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, para renovação de diretoria e conselho fiscal.

Acha-se registradas três chapas encabeçadas, respectivamente, por Jaime da Silva Correia, Rubem Xavier e Mariano de Oliveira.

Corretores de Seguro

Eleições, no dia 17 de agosto próximo, no Sindicato dos Corretores de Seguros e de Capitalização do Rio de Janeiro, para renovação de diretoria e Conselho Fiscal.

No dia 24 próximo, terminará o prazo para registro de chapas.

Diversos

Papel e papelão

Comunica a Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Papel, Papelão e Cortiça do Rio de Janeiro que, em

pleito realizado no dia 25 de junho último, foi eleita nova diretoria, encabeçada pelo sr. Paulo Li Affa da Silva.

NERVOSOS

Desânimo — Ansiedade — Dificuldades Sexuais no Homem e na Mulher — Fobias — Insônia — Irritabilidade — Nervosismo — Sentimentos de Inferioridade e Insegurança — Ideias de Fracasso — Esgotamento

Tratamento especializado dos distúrbios neuróticos

CLÍNICA PSICOLÓGICA

Dr. J. Grabois

RUA ALVARO ALVES, 21 — 1º ANDAR — FONE: 37.2011

DAS 9 AS 12 E DAS 14 AS 19 HORAS, DIARIAMENTE

SEGURO social

Alberto Carmo

TABELA DE SALÁRIOS DE CLASSE SUJEITOS A DESCONTO PARA OS INSTITUTOS

(CONCLUSÃO)

SALÁRIOS	Salários de Classe	Descontos
Cr\$	Cr\$	Cr\$
10.000,00 a 10.500,00	10.500,00	732,00
10.500,00 a 11.000,00	11.000,00	770,00
11.000,00 a 11.500,00	11.500,00	808,00
11.500,00 a 12.000,00	12.000,00	846,00
12.000,00 a 12.500,00	12.500,00	884,00
12.500,00 a 13.000,00	13.000,00	922,00
13.000,00 a 13.500,00	13.500,00	960,00
13.500,00 a 14.000,00	14.000,00	998,00
14.000,00 a 14.500,00	14.500,00	1.036,00
14.500,00 a 15.000,00	15.000,00	1.074,00
15.000,00 a 15.500,00	15.500,00	1.112,00
15.500,00 a 16.000,00	16.000,00	1.150,00
16.000,00 a 16.500,00	16.500,00	1.188,00
16.500,00 a 17.000,00	17.000,00	1.226,00
17.000,00 a 17.500,00	17.500,00	1.264,00
17.500,00 a 18.000,00	18.000,00	1.302,00
18.000,00 a 18.500,00	18.500,00	1.340,00
18.500,00 a 19.000,00	19.000,00	1.378,00
19.000,00 a 19.500,00	19.500,00	1.416,00
19.500,00 a 20.000,00	20.000,00	1.454,00
20.000,00 a 20.500,00	20.500,00	1.492,00
20.500,00 a 21.000,00	21.000,00	1.530,00
21.000,00 a 21.500,00	21.500,00	1.568,00
21.500,00 a 22.000,00	22.000,00	1.606,00
22.000,00 a 22.500,00	22.500,00	1.644,00
22.500,00 a 23.000,00	23.000,00	1.682,00
23.000,00 a 23.500,00	23.500,00	1.720,00
23.500,00 a 24.000,00	24.000,00	1.758,00

Para os salários acima de Cr\$ 24.000,00 (vinte e quatro mil cruzeiros), o enquadramento em classe far-se-á de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) (um mil cruzeiros) em cada classe, segundo o critério da tabela acima.

Nenhum segurado poderá contribuir mensalmente sobre salário inferior ao mínimo vigente na localidade (Decreto-Lei nº 7.835, de 6 de agosto de 1945, artigo 3º parágrafo 1º).

No Próximo Dia 2 as Eleições Nos Comerciários

Três chapas concorrerão — A que melhor consulta os interesses da corporação é a chapa encabeçada por Rubem Xavier Pereira, membro da Comissão de Salário-Mínimo que votou pelos 2.400 cruzeiros — O programa da Chapa 2

Três chapas se apresentaram para concorrer às eleições que se verificarão nos próximos dias 3, 4 e 5 do agosto vindouro, para renovação de diretoria, no Sindicato dos Comerciários. A chapa nº 1 apresentada por Rubem Xavier Pereira, nome do mais conhecido da corporação, Rubem Xavier Pereira foi um dos representantes dos trabalhadores na Comissão de Salário Mínimo e seu voto, a favor dos 2.400 cruzeiros, foi verdadeiramente decisivo na ocasião, quando intensa era a pressão patronal. Rubem Xavier Pereira, assim, considerado como um comerciante que realmente tem uma folha de serviços prestados a seus companheiros e a todos os trabalhadores.

AS CHAPAS DE OPOSIÇÃO
Duas chapas se apresentaram em oposição à atual diretoria. Uma delas a número 3, encabeçada pelos associados Jorge Mariano de Oliveira, atual secretário do Sindicato e Aristides Alonso da Costa, candidato derrotado nas eleições de 1952. Se bem que melhor que a primeira chapa, também esta não atende aos interesses dos comerciários. Seus integrantes, convidados pela chapa Rubem Xavier Pereira, a quem ela formou uma chapa única de oposição, colocaram toda sorte de obstáculos, impedindo esta unidade de ação. Reforçaram:

com isso a situação da chapa Luis Guimarães, que vê agora a oposição dividida. Finalmente, concorre também a chapa encabeçada pelo comerciante Rubem Xavier Pereira, nome do mais conhecido da corporação, Rubem Xavier Pereira foi um dos representantes dos trabalhadores na Comissão de Salário Mínimo e seu voto, a favor dos 2.400 cruzeiros, foi verdadeiramente decisivo na ocasião, quando intensa era a pressão patronal. Rubem Xavier Pereira, assim, considerado como um comerciante que realmente tem uma folha de serviços prestados a seus companheiros e a todos os trabalhadores.

PROGRAMA DE LUTA
Todos os integrantes da chapa Rubem Xavier foram escolhidos através de consultas nas principais lojas do comércio carioca, e não apontados arbitrariamente por A ou B. Além disso, apresentam-se às urnas com um programa de reivindicações, por cuja conquista prometem lutar, eleitos ou não para a direção do Sindicato.

Entre os principais pontos do programa estão os seguintes: aplicação integral do novo salário-mínimo; exigência do IAPC a ampliação do plano de construção de casas para os contribuintes; instituição do Fundo de Indenização aos herdeiros; apoio ao projeto 20, atualmente na Câmara Municipal, que institui o horário único; apoio e participação em todas as campanhas sindicais e populares que venham beneficiar os comerciários, principalmente a luta pelo congelamento dos preços.

Sindicato dos Oficiais Alfaiates, Costureiras e Trabalhadores nas Indústrias de Confecção de Roupas e de Chapéus de Senhora, do Rio de Janeiro

Sede: LARGO DE SÃO FRANCISCO, 19, sobrado — entrada pelo nº 23 — Telefone 43-7417

CONVOCAÇÃO

(ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, em continuação)

São convocados todos os sócios quites e em pleno gozo dos seus direitos sindicais, a comparecerem à Assembleia Geral Ordinária, em continuação, que se deverá realizar no próximo dia 26 do corrente mês, às 19 horas, a fim de tomar conhecimento do Relatório da Comissão de Contas, terminar a ordem do dia da Assembleia realizada no dia 22 de março próximo passado.

N. B. — Pede-se aos sócios para trazerem as suas carteiras sindicais, com o recibo de quitação. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1954.

Djalma Marques de Oliveira
1º Secretário

TIC-TAC é o tal!



Tic-Tac PRACA TIRADENTES, 31
LOJA E 1º ANDAR —
TEL. 42-7471

O MAIOR ESPETÁCULO DA CIDADE!

TECIDOS AOS MONTÕES.
POR PREÇOS DA "ERA DOS TOSTÕES"

30 dias
de **QUEIMA DE TECIDOS**
Casas

RUA DO TEATRO, 1 - A UM PASSO DO LARGO DE SÃO FRANCISCO



Vasco e Botafogo Exibem-se Esta Tarde na Capital Colombiana

FLAMENGO x LA CORUÑA ABRINDO O TRIANGULAR

FLAMENGO x LA CORUÑA ABRINDO O TRIANGULAR

Com uma boa atração para o público carioca, inaugura-se o torneio que conta ainda com a participação do Fluminense — Arma-se o Flamengo, com os retornos de Rubens, Índio e Dequinha — Grandes cartazes no quadro espanhol — Os detalhes da luta do Maracanã

Ameaça pegar fogo o ambiente esportivo nacional, com os acontecimentos que se vão desenrolando na Confederação Brasileira de Desportos. A renúncia que agora se verifica do sr. José Alves de Moraes — advogado do Flamengo, junto à F.M.F. — pode significar muita coisa, dando que a "roupa suja" será violentamente enfiada, a fim de que tudo seja colocado em pratos limpos. Realmente, lendo-se os motivos que determinaram o pedido de demissão do cargo de membro do Conselho Técnico do Futebol, do sr. José Alves de Moraes, chega-se a uma conclusão que já não deveria ser novidade para todos os que acompanham o movimento esportivo. N. G. B. D., encontrando solidamente justificada uma turma de aproveitadores e "arabistas" do esporte que não se cansam de parir os altos interesses do nosso futebol para fins de seus desejos mesquinhos, os quais são os seguintes. O Conselho só se reúne para discutir o que o Sr. Castelo Branco já decidiu, há muito, porque é ele quem manda...

Sobre o capítulo do turismo, as custas da elite, o desportista desinteressado teve ensaio de revelar que fôra, também, um dos convidados para os passeios de recreio de terras suíças. Como isto, entretanto, não é do seu feitio, recusou-se peremptoriamente. Os outros, porém, aproveitaram a "boca", que era rica...

E' para isso que o C.B.D. pede verbos e ainda alega que está ameaçado de crise financeira. Pudeira, com essa política, não foi dinheiro que chegou. Essa é uma faceta do descalabro que impura em nossa entidade mater. O torpedeamento do planejamento feito pelo sr. Alves de Moraes foi realizado para que se permitissem tais práticas, testais, sob todos os prismas. E' por isso que, na Sulca, não havia quem subisse pelo menos os regulamentos da Copa. Ninguém foi lá prá isso, ora essa...

Osvaldo Costa, técnico do São Cristóvão:

Disciplina — "Segredo" Dos Europeus

Para o treinador alvo, Hélio e Ivan não deixaram as fileiras do seu clube — Em condições, o São Cristóvão, de brilhar no campeonato — Notas sobre a temporada na Europa — Texto de José Cordeiro

Cercado de técnicos, sócios do São Cristóvão e de diretores do clube, ouvimos o técnico Osvaldo Costa, por ocasião da chegada dos "cadetes". Fomos, imediatamente, ao seu encontro. O homem que conduziu o time do Figueira de Mello a memoráveis feitos, em gramados da Europa, colocou-se imediatamente à disposição do repórter. Osvaldo Costa, sem se perturbar por qualquer pergunta formulada, relatando-nos, com clareza, todos os acontecimentos desenvolvidos na longa temporada fora do Brasil.

COMO ELAS JOGAM

Inquirido a respeito da maneira de jogar dos europeus, assim falou o treinador dos alvos:

Na realidade, pelo que pude observar, o jogador europeu é um dos mais disciplinados do mundo. Sua conduta em campo, em que se a forma clara de usar o corpo, é, sem exagero, irreversível. Usa, como já disse, do corpo, para fortes tranques, mas está expedito e totalmente compreensivo. Desde que as regras oficiais assim o permitam, não havendo nisso qualquer dose de deslealdade.

Continuando, acrescentou o nosso entrevistado:

— Aliás, essa forma de atuar dos jogadores europeus foi um dos nossos principais obstáculos. E que os nossos craques, em virtude da pouca divulgação que têm, em nossa terra, as instruções oriundas da F.I.F.A., sobre a conduta do jogador no gramado, estranharam bastante. Principalmente os homens da linha atacante tinham que fazer uso da conhecida manobra sul-americana, para não

se deixar superar pelas duras defesas que enfrentaram.

NAO TIVE UM SO JOGADOR FUNDOS

Um dos grandes orgulhos que Osvaldo Costa trouxe da sua temporada na Europa, foi a conduta dos jogadores em campo e fora dele. Sobre isso ele fala agora, sem esconder certa validade:

— O São Cristóvão disputou nada menos de 20 partidas. Pois bem. Em nenhuma delas, qualquer comandado meu recebeu a menor advertência em campo. A disciplina, e isso muito me orgulha, esteve sempre presente, não se verificando, em qualquer país que visitamos, nada que viesse a comprometer o prestígio de que goza no estrangeiro o nosso esporte mais popular.

AS VANTAGENS

Sobre as vantagens auferidas pelo São Cristóvão, o "gêro" que compreendeu, assim falou o dedicado treinador:

A vantagem maior que obtivemos, além da divulgação que fizemos, no estrangeiro, do nome do São Cristóvão, vale dizer, em última análise, do próprio nome do Brasil, foi a de darmos grande personalidade à equipe. O São Cristóvão, e este é o drama de todos os quadros de nome dos pequenos, quando se empenha com os times "cobras" da cidade, entra meio acovardado em campo e, geralmente, paga um tributo muito alto, que vem em forma de derrota. Agora, a coisa mudou, para o conjunto que dirijo. Meus jogadores

Corinthians x São Paulo

SÃO PAULO, 24 — (Do correspondente) — Decidi-se na tarde de amanhã, no Estádio Municipal do Pacaembu a disputa da taça "Clayton Miller", com a realização do jogo entre as equipes do Corinthians e do São Paulo. Ao grêmio do Parque São Jorge bastará um empate, para a obtenção do título, desde que os sambaqueiros, em seu primeiro compromisso, empataram com o Palmeiras por um tento. A pelela é aguardada com a mais viva curiosidade, por parte do público bandeirante, esperando-se que seja registrada amanhã uma excepcional arrecadação.

BONS TERRENOS

Lotes de 12x30, sem entrada e sem juros, preços a partir de 12 mil cruzeiros, em prestações de 150 cruzeiros mensais, planos, com água, luz e condução à porta, posse imediata. Diante 20 minutos das Barcas de Niterói. Tratar diretamente com o Sr. J. S. FERREIRA, Av. Brasil, 131, 1º andar, (antiga Rua Laranjeira) — Telefone: 23-3840.

Terá início, na tarde de hoje, no Estádio do Maracanã, a disputa do Torneio Triangular de Futebol, do qual participam as equipes do Flamengo, Fluminense e La Coruña, da Espanha. Neste primeiro compromisso, estarão se enfrentando, em partida de boas perspectivas, as representações do Flamengo e do La Coruña, esperando a torcida rubro-negra, naturalmente animada dos seus ídolos, revê-los defendendo a gloriosa jaqueta do "mais querido". Não apenas isto, como, também, a natural curiosidade pela apresentação dos espanhóis, faz com que se espere uma boa arrecadação, esta tarde, no "Colosso do Derby".

REAPARECEM OS "SCRATCHMEN"

do Flamengo deverá alinhar assim constituído: Garcia (Artilheiro); Tomires e Pavão;

Servillo, Dequinha e Jadir; Joel, Rubens, Índio, Benítez e Zagalo.

ATRAÇÕES DOS VISITANTES

Tem a equipe do La Coruña colhido ultimamente bons resultados, como o seu empate, frente ao San Lorenzo, na despedida de canchais argentinos. Em seu "onze" figuram elementos como o artilheiro Otero, da seleção B; o zagueiro Zubietta, duas vezes internacional pelo selecionado espanhol; o jovem médio Botana, campeão mundial juvenil pela equipe de

sua pátria; o centroavante Pahlino, titular absoluto da seleção da Espanha e outros. A equipe, para a estreia, provavelmente formará com a seguinte organização: Otero; Herrera e Zubietta; Sánchez, Otero e Botana; Corcuera, Lechuga, Pahlino, Moli e López.

OUTROS FORMEYORES

A pelela, que será disputada pelo sr. Carlos da Oliveira Monteiro, deverá ter início às 16.15 horas, tocando, na preliminar, os quadros infantis-juvenís da América e do Flamengo.

EM ARACATUBA, O FLUMINENSE

COM OS "SCRATCHMEN" E MARINHO

O AMISTOSO DE HOJE EMPOLGA A CIDADE BANDEIRANTE

Exibir-se-á, hoje, o Fluminense, na cidade paulista de Aracatuba. A equipe dirigida por Zé Zé Moreira está bem preparada e confiante numa boa performance. Entretanto, os tricampeões respeitam o valor de seu adversário e, por isso, não deixam que o otimismo chegue a cegá-los. O quadro de Aracatuba é um dos mais respeitados do interior paulista.

lista, não só porque tem bons valores individuais em seu plantel, mas também porque já obteve muitas vitórias sobre times de categoria, principalmente os da Capital bandeirante.

DESELCADO Jogará o Fluminense desfalado de três titulares, Pindaro, Edson e Bigode, que se contundiram no recente torneio "Roberto Gomes Pedrosa". Todavia, os elementos que os substituirão são de capacidade, podendo cumprir bem a sua missão.

VARIA ATRAÇÕES

O coque será repleto de atrações para o público de Aracatuba e, na certa, de lances eletrizantes. Apesar da sempre sentida falta de Pindaro, Edson e Bigode, há a compensação da apre-

sentação de Castilho, Pinheiro e Didi, recém-vindos da Copa do Mundo, na Sulca. Além disso, os aracatubenses assistirão ao retorno de Marinho, o desbravador de defesas, que depois de um longo tempo afastado por uma séria contusão, fará o seu reaparecimento.

COMO JOGARÁ A EQUIPE

Em pensamento do preparador Zé Zé Moreira aproveitar todos os jogadores que integram a delegação, assim sendo o quadro formado com: Castilho (Artilheiro), Bené e Pinheiro (Duque); Jair (Vitor), Gilberto e Lafaiete; Telê, Didi (Villalobos), Marinho (Valdo), Robson (Ramiro) e Esquerdinha (Joel).

CALÇADOS FEITOS A MÃO

(Fabricação Própria)

SAPATARIA CINTRA

Av. Gomes Freire 275 - Fone: 52-0491

TUDO A CREDITO

Rádios, Máquinas de Costura, Vitrolas, Toca-discos, Liquidificadores, Bicicletas, Material elétrico em geral

Bazar dos Rádios

Av. MEM DE SA, 30 - LATA - Fone: 22-9757

Oferece-se

Homem-Eletricista, RE-GISTRADO, oferece-se para pequenas e grandes obras elétricas e grandes serviços concernentes ao ramo. Trabalho rápido e garantido. Precisa médicos. Tel.: 38-9026.

PRECISA-SE

PRECISA-SE de uma casa que tenha no mínimo 4 quartos e demais dependências. Boa referência. (De preferência no Centro). Telefone para: 22-2070. Chamar ALCIDES.

POR CR\$ 10,00 APENAS

V. S. terá um anúncio de 1 coluna por 2 centímetros por vez.

VASCO E BOTAFOGO EM AÇÃO, HOJE

Jogam os alvi-negros, na Capital colombiana, frente ao Milionários, enquanto que os cruzmaltinos atuarão em Medellín, contra o Independiente

BOGOTÁ, 24 (Especial para a IMPRESSA POPULAR) — Já agora contando com uma tabela definitiva, terá prosseguimento na tarde de amanhã, com a realização de mais duas pelejas, a disputa do Torneio Hexagonal de futebol. Nesta Capital, os Milionários enfrentará o quadro do Botafogo, enquanto que em Medellín, o Vasco da Gama dará combate ao conjunto do Independiente local.

O BOTAFOGO

Estão os alvi-negros bem preparados para esse compromisso e muito embora o quadro do Milionários esteja se dissolvendo, com a saída dos seus principais "ustos" sabem que terão um difícil coque a saltar. O quadro contando com Santos e Carlyle deverá alinhar-se assim constituído: Gilson; Gerson e Santos; Bob, Romário e Juvenal; Garrincha, Quarentinha, Dino, Curly e Nei valdo.

O VASCO

Promovendo as possíveis estréias de Osvaldo e Jédo, Flavio Costa tentará a reab-

«Ao viajar de trem atravessa o Brasil»

GRANDE TORNEIO BAR COMESTÍVEIS

Importação e Exportação

JOGA O GIP

Esta tarde, frente ao E. C. Corinthians, a equipe principal do Grêmio Imprensa Popular voltará a atuar, tentando uma grande vitória. O encontro dos jogadores do G.I.P. deverá se verificar às 14.30 horas, na ponte da Estação do Resilento.

EMBARCA AMANHÃ O BANGU

O Bangu A. C. representado por sua força máxima, exibirá-se-á no Peru, atencendo a um amável convite que lhe foi dirigido por clubes daquele país. A embaixada do clube de Moca Bonita, que é bem numerosa, diga-se de passagem, já está constituída e seguirá amanhã sob a chefia do dr. José Ramos Penedo. A estreia está prevista para a próxima quarta-feira.



ÍNDIO, comandante rubro-negro

Gráfica UNIÃO Ltda.

SERVIÇO GRAFICO EM GERAL

ENCADENAÇÃO — ALTO RELEVO
PAUTAÇÃO — ROTULAGEM
TIMBRAGENS — IMPRESSOS DE LUXO
RUA EXP. JOSÉ AMARO, 248 — CAXIAS - RST. DO RIO
(Vila São Luis)

MESMO QUEM GANHA POUCO PODE OBTER UMA BOA DENTADURA

Dentaduras com estética e mastigação perfeitas, excelente aderência, mesmo nas bocas mais desanimadoras. Peças móveis americanas (Echols), as únicas que permitem perfeita higienização e não provocam tocos. Não arrancam seus dentes para chapa sem primeiro pedir orçamento para o Roche, executado em três visitas apenas. Laboratório próprio dotado de maquinário e pessoal especializado em prótese de precisão. Em casos especiais, dentaduras com união apenas. Consultas em 30 minutos. Facilidade de pagamento.

CLINICA DENTARIA DO DR. ISIDORO
Rua Eldorado Bon Morie, 285 - 1º andar (Próximo ao SAPP da Praça de Bandeira). Diariamente das 8 às 19 horas.

MECANICO DE MAQUINA DE COSTURA

Conserta, compra e vende máquinas de costura usadas. Reforma em Geral. — Vende-se máquinas novas a prestação. Tel.: 49-8310

WALDEMAR ARGOLLO

(Carloca)



Técnico Eletricista Automotriz. GRADUADO POR HEMPHILL SCHOOLS DE LOS ANGELES CALIFORNIA.

ASSISTENCIA TECNICA DE ELETRICIDADE E AUTOMOVEIS

Estrada Monsenhor Felix, 544-A

IRAJÁ — RIO DE JANEIRO



Grande Sortimento de artigos para o inverno — Artigos finos para homens — Cama e mesa.

Fabrica própria — Vendas a varejo

R. da Carioca, 87 — (Junto à Pça. Tiradentes)

Transcontinental VENDE

Terrenos Sem Entrada e Sem Juros

EM SÃO GONÇALVES, COM CONDUÇÃO E LUZ A PARTIR DE 12.000 CRUZEIROS — CR\$ 18.000 MENSAL — POSSÍVEL IMEDIATA

CAMPO GRANDE

Com ônibus, bondes, lotação dentro do loteamento, a 20 minutos de Campo Grande, de 12 mil cruzeiros, prestações de 320 cruzeiros. Vendas para morar imediatamente.

PRAIA DAS AMENDEIRAS

A 30 minutos das barcas, com 3 linhas de ônibus dentro do loteamento. Lotes a partir de 30.000 cruzeiros, prestações de 300 cruzeiros mensais. Com todo o comércio.

CAXIAS

A 30 minutos da Praça Mauá. Fomos lotes residenciais — posse imediata. Com farta condução dentro do loteamento, lotes a partir de CR\$ 30.000 (trinta mil cruzeiros), com 10 por cento de entrada.

ACEITAMOS PARA VENDER

Casas — Apartamentos — Sítios — Fazendas — Benfeitorias — Em Posses, etc. Aceitamos corretores.

AV. MAURÍCIO FRIEDLAND, 11 - 1º ANDAR - LARANJEIRA - SANTA RITA - TEL.: 23-2819 e 13-7148

ATENÇÃO!

O CURSO JURA para motoristas, agora sob nova Direção, comunica que está fazendo preços módicos para profissionais e amadores. Pagamento em prestações mensais. Rua Visconde do Rio Branco, 16 - 1º andar.

MODERNO

CONJUNTOS ORIGINAIS PARA APARTAMENTOS
GRANDE ESTOQUE DE PEÇAS AVULSAS.

A solução moderna e montar o apartamento com peças adequadas, sem o antiquado recurso de móveis estandardizados.

Disponemos de peças avulsas para todos os compartimentos domésticos, dos mais variados tamanhos e estilos.

MOBILIARIA REAL

RUA DO GATISTE 106 e 108 - FONE 25-4002 - FELICIAV. R. A. COPACABANA - RJ

RIO DE JANEIRO

Ótica Continental

Rua Senador Dantas, 118

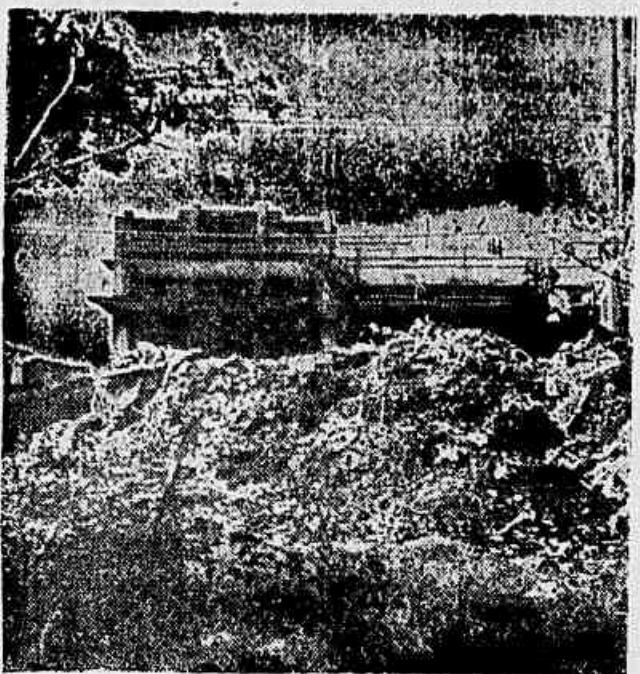
Cr\$ 150,00

Discutirá o Povo de Pilares Os Problemas de Seu Bairro Com os Candidatos Populares

OS MORADORES LOCAIS E OS DE INHAUMA QUEREM CONHECER AS SOLUÇÕES QUE INDICAM OS DIVERSOS CANDIDATOS PARA AS QUESTÕES QUE OS PREOCUPAM — HOJE, ÀS 19 HS., NA RUA DJALMA DUTRA — DOIS BAIRROS PARA OS QUAIS A PREFEITURA TEM SIDO MADRASTA — Fotos de Henriques de Melo



Na água estagnada jovens se divertem sem prevêr os perigos a que estão expostos. A falta de campos de esporte e parques infantis leva a juventude a correr toda a sorte de riscos.



Lixo e lama tornaram Inhaúma e Pilares locais propícios para qualquer surto epidêmico. No lodçal e entre os detritos vicejam couves e alfaces que a população consome.

Hoje, às 19 horas, na Rua Djalma Dutra, 39, os moradores de Inhaúma e Pilares reúnem-se com os candidatos ligados àquela zona para um amplo debate sobre os problemas do bairro. Especialmente convidados, estarão presentes os candidatos populares Valério Konder (candidato a senador), Eliseu Mochel (a deputado) e Modesto de Souza (a vereador).

Ontem a nossa reportagem esteve em Pilares, tomando conhecimento de alguns problemas para os quais os moradores do bairro exigem imediata solução: são inúmeros e, como sempre, poderiam ser solucionados, pelo menos em grande parte, se o governo do município (Câmara e Prefeitura) se empenhasse realmente em mãos do povo.

EM PILARES E INHAUMA TUDO ESTÁ POR FAZER

Quem caminhar pela Rua Alvaro de Miranda, em Pilares, depara, de saída, com dois problemas idênticos que até hoje a administração municipal não teve capacidade para resolver. Tanto a Linha Auxiliadora como a Rio Douro cortam duas vias públicas colocadas em risco permanente milhares de pessoas. Os desastres se sucedem nas duas passagens de nível. Há três anos a Prefeitura iniciou a construção de uma ponte por cima da Estação de Cintra Vidal que, pelo andar das obras, só estará pronta em 1958. A passagem de nível da Estação de Inhaúma ainda não foi objeto de estudos por parte da municipalidade. A população local reivindica que, pelo menos, uma cancela e um sinal luminoso sejam colocados no cruzamento.

ESGOTOS, LAMA E LIXO

O Serviço de Limpeza Urbana determina que apenas 4 carroças recolham o lixo de milhares de residências. Em consequência os monturos de lixo acumulam-se pelos terrenos baldios e pelas ruas, criando focos de contaminação.

Por incrível que pareça, existem pessoas em Inhaúma e Pilares que não sabem sequer o que seja um esgoto. Os detritos são encaminhados para valas ou fossos que muitas vezes estão situados em grandes chácaras onde vicejam a couve e a alface.

Apenas as vias centrais desses dois bairros têm calçamento e quando chove, todas as ruas se transformam num imenso lamaçal. Como todo o Distrito Federal, Pilares e Inhaúma vivem, desta forma, todas as condições para, mais dia menos dia, serem atingidos por qualquer surto epidêmico.

O MORRO DA RUA GUARABU

A Rua Guarabu começa na Rua Alvaro Miranda e sobe até o cimo do morro, atingindo uma inclinação de cerca de 45°. Nos dias de chuva os residentes na favela patinam no barro vermelho e a custo de muito sacrifício conseguem atingir os barracos. Os moradores do morro reivindicam uma escola, um posto médico e a construção de uma escada de concreto. Os moradores de Inhaúma têm outra antiga reivindicação, não atendida unicamente por culpa do Departamento de Concessões: uma linha de ônibus direta para a cidade.

A CENTRAL, OUTRO FLAGELO

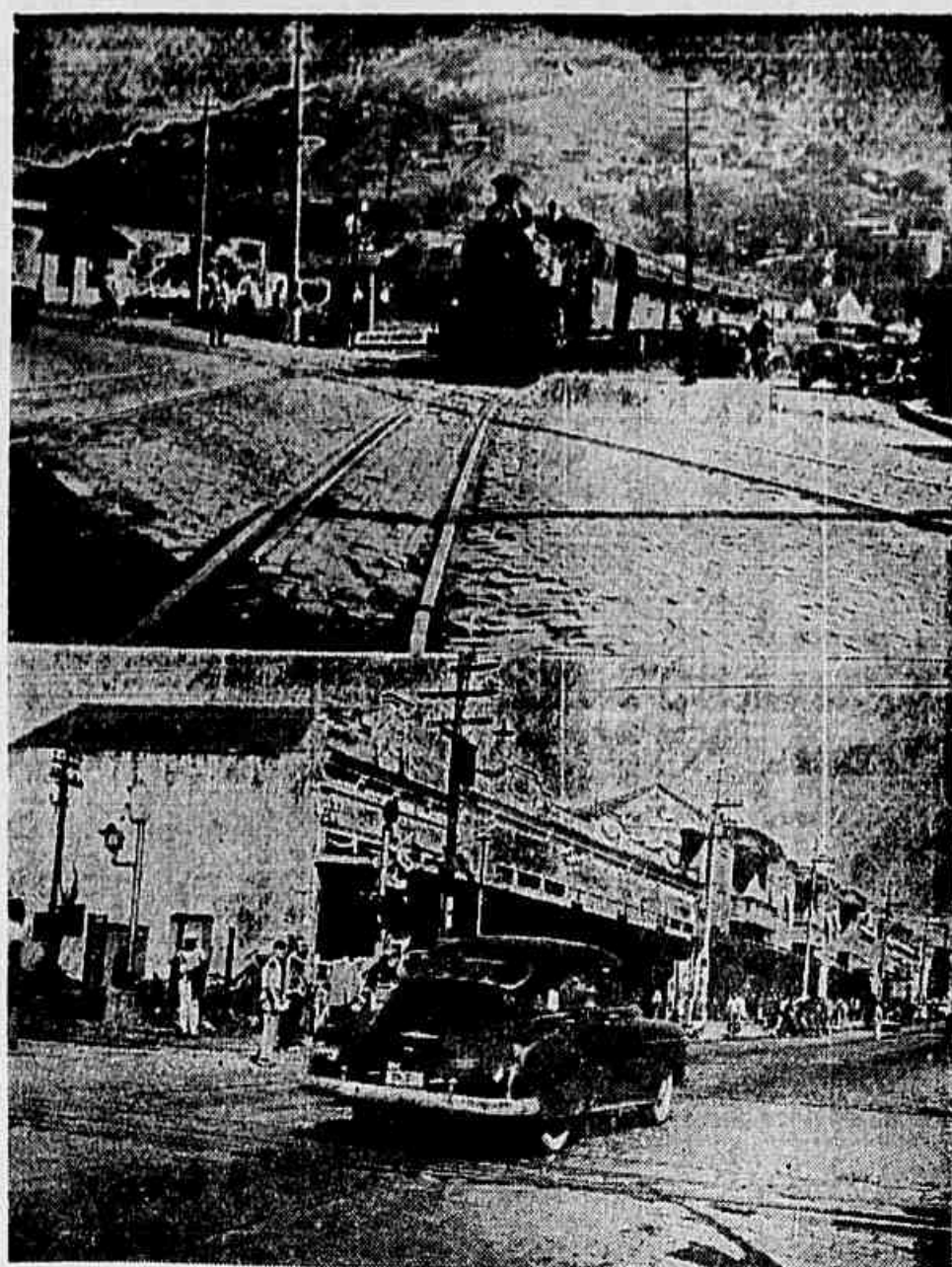
O transporte ferroviário para Inhaúma e Pilares (Central Vidal) é péssimo. Os trens elétricos da Linha Auxiliar

se achavam, normalmente, uma a duas horas por dia e além do mais, resolveu a Central que as composições elétricas só trafegariam até Funchal, São, prejudicando milhares de trabalhadores. A Rio Douro é tão infame que os moradores de Inhaúma, interrogados pela reportagem, responderam em coro que aquilo era uma porcaria. Milhares de pessoas reivindicam a ida dos elétricos até a Pedro II e a eletrificação imediata da Rio Douro (também sob administração da Central).

QUARTEL DO CRIME

Contrariando as disposições do serviço de trânsito, a Viação Santa Helena transformou a Rua Dona Emilia em depósito de carrocerias velhas. Isso, e a falta de policiamento, aproveitam-se milandros e desordeiros para transformar o logradouro em ponto de estacionamento e base de operações. Com a péssima iluminação pública, assaltam e matam diariamente sem que nenhuma providência seja tomada pelos poderes competentes. Felandos à nossa reportagem, um morador, o sr. Thomé José das Neves afirmou:

— Depois das seis horas da tarde ninguém pode passar por estes lados. Isto fica pior que a Lapa. E o pior é que não adianta nada chamar a polícia porque esta nunca vem, quando acontece vir, acaba prendendo a vítima porque o desordeiro está fora.



Essas duas passagens de nível são grandes espedouros de vidas. Em Cintra Vidal a Prefeitura há três anos constrói uma ponte que, ao andar das obras, só estará pronta em 1958. A passagem de Inhaúma (em cima) continuará esperando...

Imprensa POPULAR
ANO VII ☆ RIO, DOMINGO, 25 DE JULHO DE 1954 ☆ N.º 1.259

50 Milhões Para Eleger os Patriotas

Diário da Campanha

Cobrir 50% da Cota Até 31 de Julho

O ESCRITÓRIO ELEITORAL ZÉLIA MAGALHÃES REORGANIZA SUAS FORÇAS PARA A BATALHA DO DIA 31 DE JULHO

Os Escritórios Eleitorais do Rio estão lançados à grande batalha pela cobertura de 50% de suas cotas até 31 de julho. Essa determinação corresponde à imperiosa necessidade de dar um avanço decisivo na organização e propaganda eleitoral, o que exige um rápido e substancial recolhimento de fundos financeiros. Há apenas dois meses do prêmio de 3 de Outubro, não podemos perder mais um dia sequer.

As diretorias dos Escritórios Eleitorais do Rio, que nos bairros e empresas, repartições e fábricas do Distrito Federal, estão tomando aceleradamente as providências necessárias para levar a termo esta honrosa tarefa: cobrir 50% das cotas até 31 de julho.

Ontem à noite, reuniu-se com essa finalidade a diretoria do Escritório Eleitoral Zélia Magalhães por Valério — Lício — Edgard Leite, com a presença dos membros da Comissão Central da Campanha e representantes dos principais Centros Eleitorais a ele filiados. Um balanço da situação mostrou que a Campanha se desenvolve num regime extremamente lento, com perda de ritmo.

SUGESTÕES E EXPERIÊNCIAS

Após intensos debates onde surgiram valiosas contribuições, experiências e sugestões, ficou decidido adotar-se um «Plano Concentração 31 de Julho», cujos itens principais são:

1.º) — Reforçar as diretorias dos Escritórios Eleitorais, com os melhores cabos e jogar todos os esforços do Escritório na execução do «Plano Concentração 31 de Julho»; 2.º) — Estabelecer cotas do «Plano Concentração 31 de Julho» para o Escritório, para

cada Centro e para cada «cabo eleitoral»; 3.º) — Organizar dentro de 24 horas o plano de visitas, empréstimos, comandos, venda de materiais e contribuições individuais. Escalar em cada Centro as equipes que realizarão esse trabalho; 4.º) — Aplicar na maior escala possível a propaganda e distribuição dos Comitês para a festa de 8 de agosto, na Granja das Garças, visando transformá-la num verdadeiro ENSAIO GERAL DAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO. Armar uma barraca para o fornecimento de um almoço (Vatapá à Brasileira); 5.º) — Fazer imprimir e providenciar a distribuição do Manifesto-Programa de seus candidatos, para atingir a toda a população do centro da Cidade; 6.º) — Instituir prêmios especiais «Ritmo da Campanha» para todos os «cabos eleitorais» que tenham coberto e superado as cotas do «Plano Concentração 31 de Julho»; 7.º) — Durante os debates surgiram interessantes sugestões para o êxito do plano.

Um dos Comitês Eleitorais, por exemplo, apresentou um «cartão do cabo eleitoral», onde ficará registrada sua cota, os prazos em que deve realizar os recolhimentos parciais de dinheiro e seus compromissos em relação à distribuição e venda de materiais fornecidos pelo Escritório. Outro responsável por um dos Comitês Eleitorais, mostrou o êxito do trabalho de comandos em residências, onde 85% dos visitados se dispuseram a ajudar a Campanha para eleger os Candidatos Populares.

Mostrou-se também a necessidade de preparar os orçamentos das despesas de cada Centro e providenciar o imediato recolhimento das percentagens devidas à Comissão Central.

Sem dúvida, as medidas adotadas fazem prever a vitória do «Plano Concentração 31 de Julho» do Escritório Eleitoral Zélia Magalhães, de tão valiosas tradições.

CONVITE

A Comissão de Festa convidada os encarregados das barracas de alimentação para uma reunião a realizar-se amanhã, segunda-feira, dia 26, às 18 horas, em sua sede à Rua 13 de Maio número 13, sala 1215, quando será tratado assunto de maior interesse.

A Campanha em Numeros

24 de julho de 1954

DISTRITO FEDERAL:

Comissão Central	805.186,00	26,8%
Escritórios Eleitorais	182.867,00	2,6%
Total Distrito Federal	988.053,00	9,8%

MARÍTIMOS:

Escritório Carioca	47.835,00	3,8%
Escritório Fluminense	27.688,00	4,9%
Total	75.523,00	

JOVENS:

Comissões Juvenis	205.013,00	10,3%
-------------------	------------	-------

DESAFIO RIO X SÃO PAULO

24 DE JULHO DE 1954

Comissão Central do D. Federal	Cr\$ 785.173,00	25,5%
Diretório Central de São Paulo	Cr\$ 775.822,00	15,5%

Cota da Comissão Central do Distrito Federal	8.000.000,00	
Cota do Diretório Central de São Paulo	5.000.000,00	

O PREMIO para quem atingir em primeiro lugar os 100% será de um belo e possante automóvel novo.

DE PARABENS OS AEROVIARIOS!



Os Aerovírios descobriram uma verdadeira fada em arte culinária. A prova disso vai ser dada no dia 8 de agosto na Granja das Garças, onde instalarão uma barraca com privacidade especial, para vender, imaginem que maravilhosa! CARURU DO PARÁ! Para dar um aspecto mais apetitoso ainda, mandaram um poeta fazer umas quadras que serão pintadas bem em frente da barraca. Aqui vão as duas quadras:

Companheiro, se aproxime, Compre agora sua ficha,
Faça favor, venha cá, Pode ser pratos ou notas...
Aqui temos bem quentinho Com elas vamos às urnas,
O «Caruru do Pará»! Eleger os patriotas!

O RITMO DA CAMPANHA

Comitês Eleitorais da Comissão Central

RITMO ACELERADO:
Comitê Pró Candidatos Populares nº 14 — 66,5%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 13 — 65%; Comitê Pró Clotilde Prestes nº 7 — 64,1%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 21 — 49%.

QUASE NO RITMO:
Comitê Pró Miranda nº 12 — 32,5%; Comitê Pró Valério Konder nº 9 — 29%; Comitê Pró Arcelina Mochel nº 10 — 27,4%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 17 — 26,7%; Comitê Pró Clotilde Prestes nº 8 — 26,5%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 2 — 23,3%; Comitê Pró Solomão Malina nº 2 — 23,3%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 1 — 20,6%.

RITMO LENTO:
Comitê Pró Modesto de Souza nº 24 — 15,2%; Comitê Pró Clotilde Prestes nº 3 — 15,3%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 6 — 14,7%; Comitê Pró Aristides Saldanha nº 16 — 13,2%.

PERDENDO O RITMO:
Comitê Pró Candidatos Populares nº 23 — 7,1%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 18 — 5,9%; Comitê Pró Moreira nº 19 — 3,5%; Comitê Pró Candidatos Populares nº 25 — 3,3%; Comitê Pró Miranda nº 11 — 2,3%.

O Conjunto dos Comitês Eleitorais realizou até esta data 26,8% de sua cota na Campanha. Em relação à cota determinada para 31 de julho, que é de Cr\$ 1.800.000,00, isto é, de 60% do total, esses Comitês já realizaram 54,8%, faltando, portanto 45,2%, ou, em dinheiro, Cr\$ 812.000,00. Esta é a arrecadação que deverá ser realizada de hoje até o dia 31 de julho, à meia-noite, para que os Comitês possam se apresentar com honra ante a Comissão Central da Campanha e ante o povo carioca que vai ajudar a derrotar os entreguistas e a eleger os patriotas.

Conheça seus candidatos

Emílio Bonfante Demaria

Líder nacional dos marítimos, lutador intransigente em prol da Paz e da Emancipação Nacional, Emílio Bonfante Demaria é um candidato popular à Câmara dos Deputados pelo Distrito Federal.

Filho de um carteiro, Bonfante Demaria nasceu a 16 de julho de 1923, em Florianópolis, Santa Catarina. Aos 17 anos ingressou na Marinha Mercante como praticante de piloto, atingindo em seguida os postos de piloto, imediato e comandante, trabalhando nas linhas de navegação nacionais e estrangeiras. Entrando em estreito contato com os trabalhadores marítimos, desde logo Bonfante Demaria tomou parte ativa nas lutas dos seus companheiros por aumento de salários e melhoria das condições de trabalho. As campanhas de aumento de salário de 1946 e 1952 já o encontraram totalmente integrado nas lutas do seu setor profissional.

Em março de 1953, porém, foi que Emílio Bonfante Demaria projetou-se como incomparável líder nacional dos marítimos, comandando a memorável greve daquele ano como presidente do Comando Geral da Greve que teve a duração de 10 dias e paralisou todos os navios brasileiros em portos nacionais e estrangeiros. Nesse ano, como represália, foi demitido de comandante do navio «Guaranis». A greve liderada por esse bravo comandante foi vitoriosa. Posteriormente, um outro movimento grevista interrompeu por completo o cumprimento do acordo da primeira greve, movimento esse também liderado por Bonfante.

Por sua dedicação à causa dos marítimos foi eleito 2.º secretário da Associação Náutica e, posteriormente, foi escolhido em eleição geral Presidente do Sindicato Nacional dos Oficiais de Náutica da Marinha Mercante por esmagadora maioria de 82% dos votos, cargo em que não foi ainda empossado por perseguição mesquinha do Ministério do Trabalho. Por outro lado, o Sindicato dos Armadores teme a atividade patriótica de Bonfante Demaria e procura impedir que qualquer navio lhe dê embarque.

Emílio Bonfante Demaria é membro do Conselho do Movimento Carioca dos Partidários da Paz e membro eleito da Comissão Nacional pelo Salário-Mínimo e Congelamento de Preços.

Candidato popular à Câmara Federal, Emílio Bonfante Demaria merece, pois, os votos do povo carioca, que terá nele um verdadeiro representante, voz honesta e sincera em defesa dos trabalhadores e do povo.

A SALVO A TRIPULAÇÃO DO «GUARATINGA»

Segundo informações da Delegacia da Capitania dos Portos em Laguna, estão a salvo todos os tripulantes do navio «Guaratinga», que havia encalhado a cem metros da Praia de Jaguaruna. Toda a tripulação abandonou o navio, sendo transportada para terra.

Chegou ao local do sinistro o rebocador «Tritão». Fôdesse então verificar que o navio está com um grande rombo na praça das máquinas, com água aberta. O sistema de compartimentos estagne não funcionou por terem sido avariadas. Em virtude do barco também estar sem energia elétrica, não funcionam as máquinas nem suas comunicações.

Sôlto Ainda o Criminoso

A 4 de fevereiro deste ano, quando participava de uma festa carnavalesca, em Marechal Hermes, o jovem funcionário público Roberto Soares Siqueira foi covardemente assassinado, a tiros de pistola, pelo policial Aurélio Ferreira de Vasconcelos.

Até hoje, por incrível que pareça, o criminoso continua solto e, o que é mais grave, prestando serviços à polícia.

O fato, na época, foi amplamente noticiado por todos os jornais, tendo a mais larga repercussão pelos requintes de perversidade de que se revestiu o homicídio.

Expedição Soviética no Polo Norte

MOSCOW, 24 (I.P.) —

Estão sendo concluídos os trabalhos na área de 207 hectares onde será realizada a Exposição Agrícola da URSS, e na qual funcionarão 76 pavilhões onde serão expostos materiais os mais diversos, demonstrando os êxitos da agricultura soviética. Continua desertando cada vez maior entusiasmo a abertura da Exposição, que é a maior já realizada no gênero em todo o mundo.

Clotilde Prestes, Campeã

As razões de sua vitória: confiança no povo e o nome do Cavaleiro da Esperança

Entrevistada a grande ativista Clotilde Prestes, sobre a Campanha dos 50 Milhões para eleger os Candidatos Populares, fez ver à nossa reportagem que sua vantagem nas campanhas de finanças é: sua confiança no povo e ser irmão do Cavaleiro da Esperança.

Explicou-nos que o povo aceita com muito carinho e entusiasmo a Campanha dos Candidatos Populares. Sua última visita por exemplo, foi a uma pessoa que se comprometeu a dar uma soma bem interessante, prova evidente de que as diversas camadas do nosso povo não querem

A FESTA DO DIA 8, NA GRANJA

Notícia de primeira para os dangarinos

A Comissão de Festa acaba de contratar um grande regional para tocar durante o baile da festa campestre do dia 8 de agosto na Granja das Garças.

Compõe-se o regional de sete figuras, sob a chefia do professor Miranda, notável tocador de cavaquinho e bandolim, contando com a participação do professor Paulistinha, renomado flautista, do professor Pereira, famoso acordeonista e ainda dois violinistas, um pandeireta e um cantor.

Silvino, nosso conhecidoíssimo Clemente, encarregado de contratá-los, nos garantiu que o conjunto só tocará músicas alegres e do agrado da moçada. Afirmou-nos o Clemente que também canta como gente grande: «Fique certo meu caro redator — o regional de Nelson Miranda vai deixar muito calor água nos pés».

Os trabalhadores da Carris Urbanas, acabam de lançar a palavra de ordem de um dia de salários para eleger os seus candidatos Geraldo Soares, Elizeu Alves de Oliveira e Ruy Macedo.

A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?

A Carris Levanta Sua Bandeira de Luta!

Um dia de salário para eleger os seus candidatos

Os trabalhadores da Carris Urbanas, acabam de lançar a palavra de ordem de um dia de salários para eleger os seus candidatos Geraldo Soares, Elizeu Alves de Oliveira e Ruy Macedo.

A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?

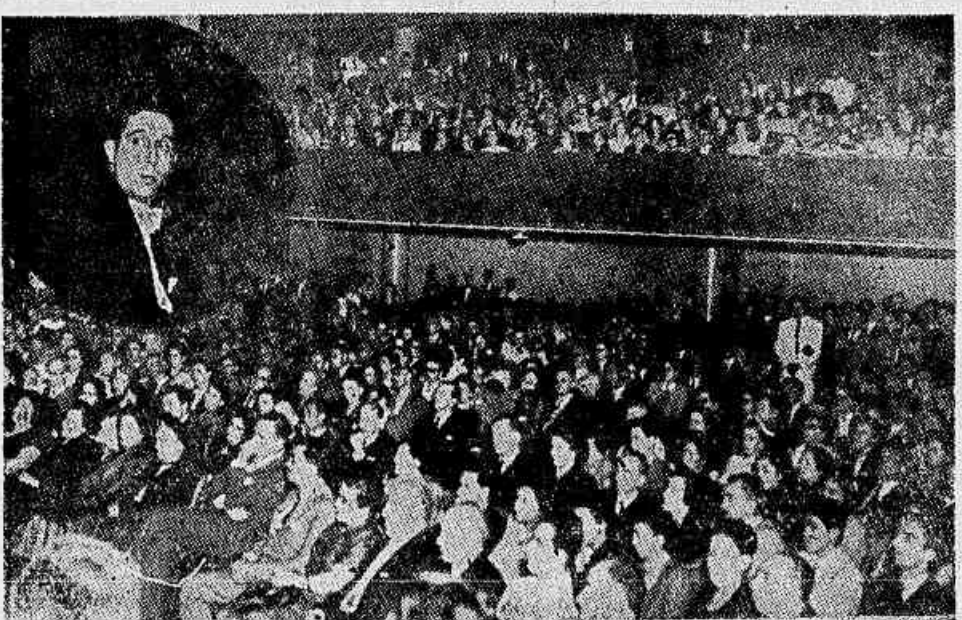
A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?

A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?

A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?

A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?

A ideia foi entusiasticamente discutida no meio da corporação. Os cabos eleitorais de Elizeu, Geraldo e Ruy esperam para breve uma arrecadação recorde. Perguntamos: Por que outras corporações não imitam a Carris?



Como parte do programa de comemorações da data nacional da Polónia, transcorrida quinta-feira passada, a representação diplomática desse país promoveu, na ABI, um festival de Chopin. O clichê apresenta um aspecto do auditório da Associação de Imprensa, que ficou superlotado de pessoas que foram ouvir Arnaldo Estrela interpretando um repertório do genial compositor polonês. No medalhão, o grande pianista brasileiro.



“O GRUPO DE GRAVADORES DO RIO GRANDE DO SUL destacou-se”, disse Portinari referindo-se ao desenvolvimento da arte da gravura entre nós. Os artistas reunidos nos Clubes de gravura de Porto Alegre e Bagé constituíram o núcleo inicial do movimento que se ampliou pelo país inteiro. O trabalho que hoje reproduzimos é da autoria do jovem artista Glenio Bianchetti, voltado para os temas populares como mostra esse «Lavadeiras».

NESTE NÚMERO

Cientistas Soviéticos no Brasil



O encontro mundial de Arquitetos em Varsóvia



Sobre «Poemas do Companheiro»

ARTIGO DE MIECIO TATI



O Piccolo Teatro De Milano

REP. DE ANTONIO BILHÕES



Entrevista com Geogina de Albuquerque



“VANKA”

Conto de Tchekov



O estudo da História e a realidade

brasileira

ARTIGO DE RIVADAVIA MENDONÇA

Mark Twain Estaria Com a Guatemala

EM ARTIGO recente de Samuel Sillen, responsável pela publicação de «Masses & Mainstream» anota trechos da obra dos grandes escritores norte-americanos do passado, em que estes protestam contra a agressão à soberania de outros povos por parte do governo ianque e desmascaram a farsa de «levar a civilização às populações semidesenvolvidas».

O jornalista norte-americano inicia seu artigo citando a Mark Twain, o grande humorista: «As bênçãos da civilização dos trustes, sábia e cautelosamente administradas são um amor-perfeito. Rendem mais território, dinheiro, domínio sobre outros países que qualquer outro jôgo em que alguém se possa meter». «As bênçãos dessa civilização são ótimas e representam boa mercadoria comercial; vistas à meia-luz não há melhores».

Prossegue o jornalista citando o protesto de William Dean Howells, nos primeiros dias do século, contra as hipocrisias dos Dulles da época. Em carta a Henry James a respeito da guerra feita à Espanha pelos EE. UU. guerra que começou com a «libertação» de Cuba, dizia Howells: «Nossa guerra humanitária desmascarou-se e vamos conservar o botim para castigar a Espanha por nos dar o trabalho de usar da violência ao roubá-la».

De Henry James cita trecho de artigo publicado nos «Boston Transcript» quando os mensageiros da civilização assaltaram as Filipinas: «Isto é pirataria, audaz e brutal». E relembra

as palavras de M. Dooley, de Finley Peter Dume: «E agora, seus miseráveis (os filipinos), macacos com mentalidade de recém-nascidos, propomo-nos a ensi-

nar-lhes os hábitos da liberdade... Nós lhes daremos roupas — se pagarem por elas. E quando se educarem e gozarem de todos os restos de liberdade que não

queremos... nós os trataremos como pais carinhosos mesmo que tenhamos de quebrar-lhes todos os ossos. Portanto, venham aos nossos braços».

Relembra o jornalista os protestos, cinquenta anos antes, do jovem congressista Abraham Lincoln, representante do Illinois, contra a invasão do México, também feita em nome da «liberdade». E aponta o caso de Henry Thoreau, que preferiu a prisão a pagar impostos para «sustentar o trabalho de uns poucos indivíduos que usam o atual governo como um seu instrumento». E recorda, também sobre a campanha abolicionista, os «Bigelow Papers», de James Russel Lowell, uma das mais finas sátiras da poesia norte-americana.

Interrompe o articulista as citações para mostrar que a posição justa e humana dos grandes escritores contra a política imperialista do governo de seu país atraía para eles a perseguição, a censura postal, as ameaças de espancamento. Lembra que o Chefe dos Correios de San Francisco prendia toda a correspondência de caráter antiimperialista, que aconteceu inclu-

sive com «O Custo de um Crime Nacional», de Edward Atkinson.

Mas os escritores democratas, diz o jornalista, não se deixaram atemorizar pelas ameaças e um exemplo disso é o ensaio de Mark Twain, sobre as Filipinas que cita:

«Devemos continuar a levar a nossa civilização aos povos que permanecem na obscuridade ou devemos dar um descanso a esses pobres? Devemos prosseguir no velho, piedoso e altissonante rumo e trazer o novo século para o negócio; ou devemos curar-nos da embriaguez, parar por um momento e pensar um pouco? Não seria prudente reunir os nossos instrumentos de civilização e verificar o que nos resta em matéria de quinquilharias e teologia, metralhadoras maxims e livros de hinos sacros, farrapos de gin e tochas do progresso e da civilização (patenteadas e esplendidas para atear fogo a aldeias em certas ocasiões), dar um balanço nos livros, verificar os lucros e perdas, para então, resolver com inteligência sobre se devemos continuar nesse ramo de negócio ou começar uma nova civilização?»



MARK TWAIN

Imprensa POPULAR

SUPLEMENTO DE 25 DE JULHO DE 1954

DESENHOS DE PORTINARI EM EDIÇÃO ITALIANA

O grande pintor brasileiro, Cândido Portinari, vem firmar contrato com uma editora de livros de arte da Itália, para a edição especial de uma série de seus desenhos. Famoso em todo o mundo,

detentor da Medalha de Ouro da Paz, Portinari é um dos maiores desenhistas da atualidade, colocando os críticos os seus trabalhos no mesmo alto nível dos de Picasso, outro mestre do desenho.

O Estudo da História e a Realidade Brasileira

Rivadavia MENDONÇA



A PRESENÇA DOS trabalhadores da ciência soviética entre nós é uma vitória da intelectualidade brasileira sobre a política de isolamento cultural com relação aos países do socialismo, mantida pelo governo de Vargas para servir a interesses alheios à cultura nacional. Nossos intelectuais têm manifestado seguidamente em declarações públicas, conferências e congressos de escritores e cientistas seu desejo de firmar intercâmbio com todos os povos do mundo.

Associações culturais e científicas da União Soviética possibilitaram a escritores, artistas e trabalhadores científicos do Brasil visitarem a pátria do socialismo, verificarem o avanço cultural operado nas diversas repúblicas da U.R.S.S. A vinda da delegação de cientistas soviéticos ao nosso país é o primeiro passo para a reciprocidade desse intercâmbio, que, a bem do desenvolvimento da cultura e da ciência de nosso povo, deve ser intensificado e estreitado, ajudando-se as viagens de intelectuais, demolindo-se as barreiras criadas pelos padrões americanos do governo Vargas à livre troca de publicações.

O ESTUDO DA HISTÓRIA política, social e econômica do Brasil é hoje uma necessidade urgente para todos aqueles que desejam conhecer a realidade brasileira.

O conhecimento das causas e dos antecedentes dessa realidade é valioso fator de assimilação dos ensinamentos teóricos e práticos do projeto de Programa do P.C.B., porque foi a análise científica dessa realidade, à luz do marxismo-leninismo, que permitiu a elaboração de tão importante documento.

Nos dias presentes é tarefa complexa e de grande vulto esse estudo do desenvolvimento histórico, da vida e das lutas do povo brasileiro, porque não existem trabalhos elaborados cientificamente que deem aos estudiosos os elementos básicos para programar e sistematizar a sua iniciação no aprendizado de nossa história.

Escrever história tem sido até agora em nosso país cogitação empírica de alguns historiadores desprovidos, em sua generalidade, de conhecimentos teóricos indispensáveis à produção de obra séria e exata. Um ou outro trabalho esparsos, de modestas proporções, tem aparecido, mas sem um sentido de conjunto da história, revelando apenas ensaios episódicos, ainda que de todo modo necessários, mas não suficientes ao encantamento daqueles que desejam dedicar-se ao estudo da matéria.

Essa deficiência contribui também para que não saibamos "aplicar com acerto a teoria marxista-leninista, ao estudo da realidade brasileira", como afirmou o camarada Prestes, no Informe sobre o Programa, onde acrescenta a seguir: "...e por isto baseávamos, em boa parte, nossa atividade em concepções subjetivas, que nos levam, ora ao empirismo, ora ao dogmatismo..." E' esta uma justa constatação que se aplica muito bem na elaboração e no estudo de história que muitos de nós vimos procurando realizar.

Com exceção dos diversos e valiosos documentos da direção do Partido, não há trabalho de história brasileira que nos ajude plenamente nesse estudo básico do desenvolvimento da realidade em nosso país. Ao contrário disto, alguns dos trabalhos existentes atrapalham e desorientam esse estudo, como é o caso particular da "História Econômica do Brasil", de autoria do camarada Caio Prado Junior, elaborada para uma coleção especializada de uma empresa editorial do México e também editada no Brasil, em 1945, pela Editora Brasiliense, de propriedade do autor.

Em sua "História Econômica do Brasil", Caio Prado Junior causa os maiores prejuízos aos estudiosos, devido os graves erros e deformações da realidade histórica que pratica a cada momento em seu trabalho.

Qualificando-a de "interpretação histórica" elaborada "cientificamente", afirma Caio que "... me oriento pela dialética materialista em espécie", surpreendente novidade que nos causa essa "especificidade" de sua dialética. Para justificá-la, produz uma rebuscada, falha e mal elaborada explicação do choque entre os princípios filosóficos idealistas e materialistas revelando aí sua fastidiosa insegurança na matéria.

Não obstante essa introdução teórica justificadora da sua posição filosófica a "História Econômica" de Caio Prado Junior não é materialista, nem dialética, nem retrata, por isto mesmo, a realidade brasileira no curso de seu desenvolvimento. Desprezando a sua própria afirmação de fidelidade à dialética, Caio não aplica o método dialético no estudo dos fenômenos históricos e não os interpreta através da teoria materialista. Dizendo-se pesquisador que trabalha com os instrumentos do método dialético, o autor de "História Econômica do Brasil" se desdiz na prática porque a sua história é um conjunto casual de fenômenos, desligados entre si, sem interdependência e ao mesmo tempo, ele silencia sobre fenômenos dos mais importantes da vida do nosso povo e a outros apresenta deformados ou mutilados. Não há na sua história a verdadeira característica do perene movimento e das modificações constantes nos fatos históricos e por isto não dá a mínima idéia do que nasce e se desenvolve e do que morre e desaparece, e, devido isto, não penetra nas causas dos acontecimentos. Não examina o processo de desenvolvimento dos episódios nem esboça o quadro das contradições internas dos fenômenos históricos.

Se não são atendidas essas regras fundamentais que, entre outras caracterizam o método dialético marxista, não adianta a alguém dizer que seu trabalho de história é elaborado dialeticamente, porque na verdade um tal trabalho não passa de um "caos de acontecimentos fortuitos e em um montão dos mais absurdos erros", como caracteriza em seu Quarto Capítulo, a notável "História do P.C.U.S.S."

Lenin nos ensina nos cadernos filosóficos que

«Do conjunto de todos os aspectos do fenômeno, da realidade e suas relações, eis de que se compõe a verdade».

CAIO PRADO JUNIOR, em sua "História Econômica do Brasil", se revela então na prática um idealista confesso, anticientífico, como é fácil verificar. Ao se referir a economia do nosso país, no começo do século XIX (pag. 100) afirma que havia condições precárias de seu desenvolvimento e que um "colapso não tardaria se a Providência não viesse em nosso auxílio". Essa "Providência salvadora" (repete ele) chegou, trazendo-nos a produção cafeeira e então, foi a salvação! Segundo Caio Prado Junior, o Brasil foi salvo

pela Providência, ou seja, por uma divindade extra-terrena que interveio no momento crítico e tudo continuou muito bem...

Não há dúvida que um historiador que baseia a sua obra em tais critérios místicos e anticientíficos, deixou envolver-se inteiramente na magia, na crença em forças sobrenaturais, no casual, e através de semelhante história não "se compõe a verdade", porque muito, longe da "História" do camarada Caio estão "os aspectos da realidade e suas relações mútuas", a que se refere Lenin.

Uma história econômica que despreza a realidade, infringe assim na aplicação prática as leis da Economia Política que estudam o desenvolvimento social e não cumpre a sua missão obrigatória que é ensinar a classe operária como libertar-se, tornando-lhe conhecida "a situação dos diversos grupos sociais na produção e suas relações mútuas".

Pelo trabalho de "História Econômica do Brasil", de Caio Prado Junior, ficamos apenas sabendo que houve descobrimento, exploração do pau-brasil, produção e exportação de açúcar, perda do mercado açucareiro e desaparecimento de sua produção, incremento da mineração e decadência dessa atividade, volta novamente do crescimento da indústria açucareira e sua segunda liquidação, aparecimento e desaparecimento do algodão, o mesmo da borracha, o surgimento e expansão do cultivo dos cafezais (como obra e graça da Providência) — tudo aparecendo e desaparecendo no melhor dos mundos e no ambiente de intenso progresso, ainda que com algumas crises periódicas a que se refere de passagem.

Mas o porquê de tudo não aparece e quando esboça uma explicação, apresenta pura teorização dogmática, fruto do seu objetivismo anticientífico.

Melhor não fez o camarada Caio, em comparação com Roberto Simonsen, em matéria de história econômica. O antigo presidente da Federação das Indústrias de São Paulo e destacado agente imperialista inglês, pelo menos, foi abundante em dados estatísticos complicados através de seus inúmeros secretários e que usados com cautela servem de material de estudo. Mas todos aqueles erros intencionais, de interesse de classe, que Simonsen introduziu em seu trabalho certamente de caso pensado, veio Caio depois e cometeu-os todos, com a mais cândida falta de originalidade.

Vejamos nisto um só dos muitos exemplos nesse terreno.

O Tratado de Methuen, firmado em 1703 entre a Inglaterra e Portugal, visando assegurar mercado para o vinho do Porto, liquidou na prática todas as possibilidades de criação industrial no Brasil, de construção de portos, etc., agravou as contradições internas coloniais e reforçou o regime latifundiário em benefício da mineração de ouro e pedras preciosas. Abriu caminho para a dominação crescente dos ingleses na economia brasileira. Foi causa profunda que entre outras gerou o descontentamento popular libertador que cresceu e recrutou-se pelo século XVIII afora com os inconformes, os alfaiates, e muitos outros movimentos conhecidos.

Caio Prado Junior não viu nem sentiu o tratado e seus efeitos. Não o registra sequer. Não viu o estancamento de indústria pelos portugueses (em benefício sobretudo dos ingleses), o que foi imposto na base de ferro, fogo e espartilho, nem viu que com aquele chamado "tratado dos 3 artigos" a Inglaterra então principal exploradora, consolidou seu mercado industrial no Brasil e depois matou a agricultura açucareira nacional em benefício de suas colônias das Antilhas, do mesmo modo que fez com o algodão, depois.

Roberto Simonsen, como eficiente e consequente agente inglês no país, omitiu totalmente esse fato em sua história. O Tratado de Methuen não existe também em suas páginas. Caio seguiu nas suas águas fiavelmente e assim participou de uma escandalosa escamoteação deturpadora de nossa história econômica. No historiador que serve o amo imperialista, ainda se compreende essa deturpação, porque está no seu triste papel. Mas num autor que invoca a dialética materialista para convencer o leitor da exatidão do seu trabalho, é que o fato se torna estranho.

A "História Econômica do Brasil" de Caio Prado Junior não vê que, mesmo com a independência política em 1822, todo o plano de dominação econômica continuou, subordinando-se o país aos interesses da Inglaterra, durante todo o século XIX, para depois ser objeto de disputa entre ingleses,

alemães, franceses, japoneses e finalmente norte-americanos, que completaram (estes últimos) a sua hegemonia desde a 2ª Guerra Mundial. Caio viu os esforços do povo para fazer avançar a economia brasileira, mas omite também figuras das próprias classes dominantes que se destacaram, como Mauá na indústria pesada, na navegação e nas ferrovias, Mariano Procópio, nas atividades rodoviárias, Alves Branco no lançamento das primeiras tarifas protecionistas em favor da industrialização nacional, Rebouças com seus esforços para modificações na agricultura, todos estes combatidos e aniquilados nos seus esforços pelos senhores imperialistas e seus aliados internos, os latifundiários, uns e outros, de mãos dadas, desde o século passado, através dos governos imperiais.

Estes não são fatos isolados na "História Econômica do Brasil". Ela é toda elaborada para negar o que há de mais importante na vida do povo brasileiro: O Latifúndio e o Imperialismo.

Não há hoje quem negue honestamente ou desconheça que o problema do latifúndio no Brasil é uma constante desde os tempos das Capitânias, no século XVI. Sua estrutura semifeudal é responsável por todo o atraso na agricultura nacional, prejudicando assim mais de 70% da população brasileira. Da mesma forma o imperialismo norte-americano, que arrebatou a hegemonia de ingleses, franceses, alemães, etc., que passaram a sócios menores, é o inimigo principal de nosso povo.

Caio Prado Junior nega, no entanto, a existência do latifúndio e não dá a mínima importância ao imperialismo.

Bastam algumas citações retiradas do bojo de seu trabalho para se comprovar esse fato incrível. Na página 261, afirma o autor o seguinte: "Um dos mais importantes fatos da moderna fase da economia agrária do Brasil é o desenvolvimento da pequena propriedade". Diz ele depois que, com a imigração no século passado, inicia-se o período da "organização agrária democrática"... "que condicionará o estabelecimento e o progresso em escala apreciável da pequena propriedade no Brasil..." página 262. Não obstante essas afirmações tão absurdas e desligadas da realidade, o camarada Caio vai mais longe e sai-se com esta: "Mas são as crises sucessivas do café que trarão em São Paulo a maior contribuição para o processo de desintegração do grande domínio agrário e sua substituição pela pequena propriedade". Ainda mais. "Estimulado por estes fatores e pequena propriedade irá em São Paulo num contínuo progresso". Nada mais falso e subjetivo do que as afirmações citadas. Tudo, inclusive as estatísticas oficiais, desmentem a "História" de Caio Prado Junior.

No assunto do imperialismo se dá coisa semelhante. Caio evita falar em imperialismo, do mesmo modo que evita referir-se a latifúndio. "Por uma questão de método", conforme explica escreve toda sua "História", não vê, não fala, não registra a existência do imperialismo e das forças colonizadoras em nosso país. Termina praticamente a sua obra, e então introduz um apêndice, no seu compêndio, como se fora um nariz postico, sobre o imperialismo. E' o capítulo 25º, autônomo dentro do trabalho, desligado de tudo, no qual diz que é impossível caracterizar a evolução do imperialismo "no Brasil como no resto do mundo", e, com essa tirada, afirma que ele, o imperialismo, "no mesmo tempo que estimula as atividades e energias do país e lhe fornece elementos necessários ao seu desenvolvimento econômico, vai acumulando em passivo considerável e torna cada vez mais perturbadora e onerosa a sua ação".

Desculpando e sendo bonzinho com o imperialismo, Caio encontra nele "um lastro positivo"... que "representa um grande estímulo para a vida econômica brasileira, que está sem dúvida no nível do mundo moderno, é em grande parte reflexo puro da ação imperialista. E não é apenas a sua contribuição material que conta (prossegue Caio Prado): com ela vem o espírito de iniciativa, os padrões, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos que trazem assim para o Brasil alguns dos fatores essenciais com que contamos para nosso progresso econômico", (página 293).

Só isto basta para mostrar que a "dialética em espécie" que Caio aplica na sua "História" leva aos mais grotescos erros e confusões. Ele acredita também em que o imperialismo se está debilitando no nosso país, porque, segundo sua teoria, a remuneração que os imperialistas podem tirar "se torna cada vez mais débil e precária, porque o Brasil se vê sempre em maiores dificuldades para atendê-la".

O camarada Caio demonstra não entender nada do problema imperialista. Escreveu seu trabalho desprezando os sábios ensinamentos dos clássicos e deitou sua própria imaginação a teorizar absurdos que hoje ninguém mais engole ingenuamente. Além disto, a classe operária não está no seu livro. O aparecimento do mundo socialista é silenciado. As lutas do povo para conquistas econômicas não aparecem.

(Concluí na 6.ª página)

Sobre «Poemas do Companheiro»

(PALAVRAS PROFERIDAS POR OCASIAO DO SEU LANÇAMENTO)

Poema XXIX

Raul LEIVA

SURGEM os «Poemas do Companheiro», neste tempo, tão áspero. Há na terra, que é nossa, uma dor permanente, que as belezas do céu não mitigam, nem a força das águas dos rios, nem o canto dos pássaros ou a batida das ondas do mar. O solo é acolhedor: a vida é que amargura. Porque os filhos da terra, que são da gleba os lavradores e os legítimos donos de seus frutos, esses se consomem: é dura a carga. Se há um vislumbre de riso nos ares, todo mundo se volta expectante, atenta-se as cabeças, erguem-se os braços — e a sinfonia da esperança passa a brisa, enrugando o suor dos corpos estafados. O organismo logrado do que levanta a enxada e cava a terra, do que lida com a máquina nas fábricas, do que escreve nas folhas mensagens de beleza, é desse sócio vivificador da sinfonia da esperança que ele tira a seiva, a seiva que o alimenta e o não deixa morrer. Por isso é que se vive. Porque esperança existe.

Emilio Carrera Guerra é poeta da esperança. Conheço-o muito bem. Venho seguindo a sua história, tanto a do artista, como a do leal amigo. Sei muito sobre ele. É uma coisa que sei: é um poeta de canto, principalmente isto: um poeta de canto. Ele mesmo, no entanto, fez questão de anunciar, quando estreou em Ilvoro, que o seu canto de poeta seria um canto grosso, próprio para o tempo, que não era e nem é de violinos, de hosanas ou de incenso. Habitamos-nos, le então, a ouvi-lo neste tom: é poeta de voz — poderemos dizê-lo? — não poeta de falsete. Não riscou definitivamente de seus versos a expressão proparoxitona, mas é antes de mais nada um poeta de tonicidade grave. Abordou temas fortes, com o vigor musical de um barítono admiravelmente bem impostado.

A essência de suas quali-

dades revelou-se de pronto: a inspiração parte da terra e alça o grande vôo, sem desprender-se, não obstante dos laços que a vinculam ao seu ponto de partida. Pode o poeta enveredar pelo caminho sem limites da doida fantasia (e Carrera é romântico, gosta bastante de supostas andanças, inventa imagens e metáforas atrevidas, no fundo é sonhador), mas afinal retorna, traz uma luz que captou no vôo, e firma-se na terra, como um condor que não se esquece das latitudes de seu ninho. Os laços que o prendem à terra levam-no a ter os olhos bem abertos para todos os problemas que se agitam em volta, tendo por centro de interesse o eterno humano. Junto do homem, ele o observa, indaga-lhe das dores, toma no peito seu quinhão de sofrimento, e parte no seu vôo. A direção do vôo é aquela mesma direção que seguem os olhos dos mortais padecentes, em busca de ventura — olhos às vezes que não não vêm, até que o poeta fale, de volta junto a eles apontando, em certo trecho da trajetória de seu vôo, a parte em que a luz existe.

A poesia de Carrera Guerra não se limita a revelar o que há de mósca e monturos espalhados pela terra, cujos meandros vai trilhando. Sua profissão de fé, todos os credos que ele piedosamente alimenta e conserva no peito, o cerne de sua filosofia, como o de sua atitude estética, tudo parte do amor e conduz à salvação.

Viver é obra de amor, ele nos diz.

Amar, porém, não basta. O poeta é feliz, porque tem alguma coisa que dizer aos homens, tem a sua verdade a propalar, é mensageiro de uma nova, o profeta da futura, que ele afirma estar perto. Esta verdade, ele a apresenta como uma árvore frondosa, que não pára de crescer. Todo mundo precisa conhecê-la. E por isso ele fala. Só por isso.

Micéio TATI

«Por isso, só por isso canto / Para que todos — até os cegos — / Vejam a árvore crescer.»

Maiaovski deu-lhe o exemplo sublime: «Que o verso se equipare à baioneta! Whitman já lhe havia antes disso ensinado a liberdade da palavra, o jeito de maneja-la como uma força natural, uma força que se expande, ultrapassando os trilhos.



Maiaovski vai mais longe. Utilizar-se dessa força, sem entraves, como de uma baioneta!

Carrera tem lá seu grito: «Cada palavra é um tiro. / Manipulo a carga mais mortífera / que posso. Poesia, para ele, é beberagem forte, um rubro vinho de bravura e morte, que de uma vez por todas cuidará de manejar como a uma arma.

«Achei mobilizada / a Poesia afinada mobilizada» («Companheiro de Viagem»).

Para a pergunta: «Pode a poesia lutar?», resposta curta: «Por mim / creio que sim». Anunciando «a tempestade que lava as injúrias, rouba o sono ao alçor e arrebatada os cárceres», ele percorre a terra inteira, para apontar à execração dos homens os responsáveis pelas injustiças.

Ei-lo em visita a companheiros presos; ei-lo que clama pela paz, contra o crime na Coreia e o sacrifício dos mártires Rosenberg. Mais além, é a «Branca Mensagem», ou a «Pequena memória para Stálin», ou é o «Requiem profano para Zélia Magalhães», ou o poema sobre a China — todos eles de amor, inspirados de amor pelos homens, à procura de paz para os homens.

Que isto assim é, não resta dúvida: Carrera Guerra é um poeta pensado e definitivamente comprometido nesta luta em que se joga o destino dos homens. «Queiramos ou não, há classes» — aí está. E, baioneta aos ombros, pôs-se inteiro de um dos lados, em luta contra o outro. — «Meu entroncamento é anônimo, no povo», e «no Brasil começa a minha humanidade». — Nós, porém, completamos: aqui ela principia, mas se espraia bem longe, alcança a própria China, nos antipodas «Vela a China, nova China! tão longe, tão perto!»

De que maneira isto se faz? O poeta tem seus temas, coisas dolorosas, alegrias e lágrimas, sangue e redenção, a paz, a vida! Parece fácil. Além do que, poeta é ele, com este ofício de cantar. O problema é «recrutar tropas no interior» e a coisa vem por si. Um poema, que é? Jorra, como o riso, ou é ato de vontade, trabalho, sofrido? Pode o poeta confessar, sem perda da dignidade, que o verso lhe custa esforço — mais que esforço, custa sangue; que o verso lhe custa nervos; que o verso lhe custa vida? Será difícil ser poeta? Assim se nasce?

Considerai, amigos!

«Esse ajuntamento de palavras / essa pequena coisa ferida, tantas vezes mais ferida / tantas vezes mais ferida»

Torcida e retorcida. Coisa, sim, trabalhada. Não apenas trabalhada mas torcida e retorcida... como se faz com a consciência em momentos de crise; como se faz com o coração, em momentos de dor. O poema é trabalhado: tanto mais trabalhado, quanto mais se é poeta. O mais difícil consiste num absurdo: trabalhar o poema, ainda e sempre, para dar a impressão aos que o admiram de que ele é fonte de beleza que brota ininterrupta do repentismo do poeta.

Na poesia de Carrera Guerra dosagem de palavras (em alguns casos, poupança: abaixo o artigo!), no sentido de que a frase se reduz a expressões essenciais, escolhidas com uma notável acuidade artística. Seus poemas podem às vezes ser longos, mas cada frase cumpre o seu mister: é portadora de um pensamento vigoroso e atuante. Essa força resulta sobretudo do papel saliente que reserva as duas categorias essenciais do discurso: o verbo e o substantivo, quase sempre jogados com a violência e o inesperado de golpes de arma branca. E, em alguns versos, seco e telegráfico, mas poucas vezes chega a um laconismo que confunda (ah! o abuso das elipses mentais, o poeta! o terrível logogrifo das alusões misteriosas a coisas que ainda não caíram no domínio público e que só vós, poetas, conheceis!). Normamente, não há disto nos Poemas do Companheiro. «Matinas» «Térmo de Abril» «Quase Elegia» «Tempo de Amar» todo o «Naípe de Copas», como tudo isto é belo, é simples e corrente, humano e delicado; como tudo isto nos parece fácil, tão fonte cristalina, tão conversacional, e ao mesmo tempo tão sentido, tão coisa-verdadeira!

Penso e repenso no que todos esses versos te custaram, meu poeta; que soma intensa de nervosa contensão há sido necessária, para chegar a este equilíbrio de poder dizer, de maneira tão simples, coisas tão convenientes e tão simples.

Toda esta tua lírica — o que se acha reunido na última parte dos «Poemas do Companheiro», isto a mim me parece o mais completo de teu livro, como poema poética. Há poemas em verso e poemas em prosa (Elegia romântica, Dosimetria, Encontro e Parque). Em todos eles, és trovador moderno, amante e sensato; alias o amor à luta. Como Paul Eluard, pretendes atingir teu fim não um a um, mas a dois, porque assim nos conhecendo, a todos conhecemos, e amaremos a todos, e a paz de que fruirmos será «logo distendida pelas ruas do mundo». Como vês, misturei: tu e Eluard, pensemos irmãos.

Haveria tanto que dizer sobre Carrera, tanta coisa que dizer sobre o poeta lírico, que encontrou a medida perfeita para o seu canto apaixonado; tanta coisa a dizer sobre quem ergueu a mão esbofeteadora nos funerais da donzela-vergonha, e cantou a fraternidade, contra a tirania. Tanta coisa que dizer.

Conhecemos o poeta. Vêmo-lo lançar ao seu destino os «Poemas do Companheiro», versos, suas dores, e sua inabalável confiança no futuro do mundo. Calculamos-lhe a emacção. Teu livro... tu inteiro. E isto é muito, não é?

COM sua granada aberta o dia nos contém, alimento seivas e raízes; com sua voz de milho e de cacau a terra nos envolve e acaricia.

Da terra me aproximo e a possuo. Sua espessa qualidade, sua plástica matéria de substância compacta um mundo novo nos entrega, firme.

O signo técnico em que se espraia nos inunda duma euforia iluminada,

Teu rosto beija o homem comovido, afundando os joelhos em teu ventre de quierência e sombra.

Mãe do homem, companheira do pó, tudo nasce em tua origem, tudo a ti retorna.

O que é intato e puro com teus lírios brota, o forte e o vigoroso sai de tua amapola; tuas violetas nos dão melancolia, desejo apaixonado os teus cravos; os malmequeres, as sempre-vivas nossas lembranças nutrem, refulgentes.

Ante a sede viajeira de teus rios sonho recuperado, em teus bosques as árvores reunidas exemplos ao homem deram: socialismo botânico!

E no desejo erecto de tuas montanhas companheiros do céu, tivemos a imagem: conquistar espaços.

Dás origem ao fluido da vida no dealbar do mundo, a morte a ti retorna para te fecundar.

O homem ao possuir-te se redime porque ao tocar-te, cálido, recupera sua grandeza e força combatente.

Só a teu lado o pequeno é grande, o débil poderoso, a tristeza, alegria.

A Primavera é filha de tua carne, imensa flor que se ergue qual onça no mar do viver, fruto do tempo. E o fundo amor que ao homem condecora também nasce de ti e a ti volta. Com os renovos vivos do sangue a ti, terra pujante, retornamos, tua seiva herdando a nossos filhos.

Mãe, deusa sem fim, iluminada!

(Tradução de E. C. G.)

RAUL LEIVA é considerado atualmente o melhor poeta da Guatemala, entre os de mais recente promoção literária.

Estreou com os poemas de «O Desejo» (1947), cantos de amor cheios de força lírica mas de acentuado teor subjetivo.

Já em «Mundo Indígena» (1949) a poesia de Raul Leiva assinala a primeira tentativa séria de transpor para uma linguagem contemporânea os símbolos da herança índia guatemalteca. Então, passando a ter no centro dos poemas a temática humana e tradicional de sua pátria a expressão poética de Raul Leiva ganhou em fluidez, clareza e mesmo em desenvoltura formal.

Por fim, «Ode a Guatemala e Outros Poemas» (1953) veio rematar a consagração do jovem poeta. O impulso democrático da revolução popular do outubro guatemalteco foi transcrito poeticamente neste último livro, onde, segundo sua própria epígrafe, «se cantam as lutas do povo para conquistar a liberdade e a terra».

Damos, hoje, a tradução de um dos poemas de «Ode à Guatemala», em homenagem à pequena e brava pátria do quetzal, cujo sacrifício, sob o guante do imperialismo lanque, serviu para desmascarar definitivamente a odienta diplomacia dos dólares e da bomba atômica.

(N. R.)

OS MUROS

Jacinta PASSOS

MINHA cidade tem muros

de pedra, cimento e cal,

tem muros que são tribunas

paineis, cartilha e coral.

Quem de noite faz as letras

que aparecem de manhã?

Será a mão do poeta

ou a mão da tecelã?

Viva Luiz Carlos Prestes!

O petróleo é nosso!

Fora com os americanos!

A polícia apaga e as letras

aparecem de manhã.

Será a mão do poeta

ou a mão da tecelã?

Minha cidade tem muros

brancos, cinzentos, de cores

riços de pizza e carvão

ó, pintores, vinde ver.

Vinde ler a História escrita

nos muros, cada manhã.

Será a mão do poeta

ou a mão da tecelã?

3. Paulo, 1953

O 22 de Julho e a Cultura

ESTA em festas a inteligência polonesa comemorando, com todo o povo daquela República Popular, a passagem do 22 de Julho que, este ano, assinala dez anos da libertação da Polónia. A perspectiva de um futuro de paz e trabalho criador é o mais poderoso dos estímulos a uma nação que tanto sofreu com a guerra.

Nestes dez anos, em que foi encetada e realizada a gigantesca tarefa da reconstrução do país, uma vida nova se criou, fundada em bases antes não existentes. Profundas transformações de estrutura repercutiram-se em todos os campos da vida.



Leon Kruczkowski

ram a fundo no trabalho intelectual. A literatura e as artes entraram no caminho seguro de um florescimento insuspeitado que não conhecerá limites.

Educação e Cultura

Na Constituição da República Popular da Polónia esse desenvolvimento é assegurado. O poder popular destaca em sua lei básica a importância da



Artur Sandauer

atividade literária e artística, assegura-lhe a sua proteção, integra-a no quadro de atividades mais úteis à coletividade, assegura aos trabalhadores das artes e da ciência o necessário apoio à sua criação, garantindo-lhes, como a todos os cidadãos, o direito ao trabalho com

«Avante, rumo a novas vitórias», lema de todo um povo unido em torno do Partido Operário Unificado Polonês — O papel dos intelectuais na construção de uma vida nova, justa e bela

Justa remuneração e ao repouso. No artigo 61 da Constituição reza:

1 — «Os cidadãos da República Popular da Polónia têm direito à instrução; 2 — O direito à instrução é assegurado num âmbito cada vez maior: a) pelo ensino primário geral, gratuito e obrigatório; b) pela expansão do ensino secundário, geral e profissional, assim como do ensino superior; c) pela ajuda do estado para o aperfeiçoamento profissional dos cidadãos, empregados nos estabelecimentos industriais e



Jerzy Putrament

polonês, da ciência a serviço da nação. E em seus Artigos 64 e 65 estabelece:

A República Popular da Polónia fomenta o desenvolvimento da literatura e das artes, que expressam as necessidades e as aspirações da nação e respondem às melhores tradições progressistas da cultura polonesa.

A República Popular da Polónia cerca de proteção especial a inteligência criadora dos trabalhadores de ciência, do ensino, da literatura e das artes, bem como os pioneiros do pro-



Kazimierz Brandys

gresso técnico, os racionalizadores do trabalho e os inventores.

O intelectual e a Sociedade

A literatura, as artes e a ciência representam na Polónia Po-

pular forças vivas do povo na construção do socialismo. O trabalho criador é alvo do maior respeito, escritores, artistas e cientistas merecem a carinhosa atenção de todo o povo. A contribuição das obras de arte para o desenvolvimento da sociedade, a consciência do seu papel de educadores, dá maior responsabilidade aos trabalhadores da cultura na Polónia de hoje, torna um livro ou um poema, um simples desenho ou um mural um instrumento a mais e de grande utilidade no esforço comum por tornar a vida mais bela.

O método do realismo na criação literária e artística leva os intelectuais poloneses ao estudo aprofundado e crítico da herança cultural, à necessidade do conhecimento da cultura dos demais povos, à afirmação das características nacionais em seu próprio trabalho. As fontes populares da criação, o rico folclore, é objeto de pesquisas e de zelosa



Julian Prazmowski

conservação. Assim florescem a arte e a literatura polonesas, voltadas para o povo, profundamente impregnadas da vida nacional, em reflexo dos melhores sentimentos de sua gente — o do bem-estar comum, o da amizade para com todos os povos — de seu anseio e de sua luta pela paz.

Na data nacional da República Popular da Polónia saudamos os trabalhadores da cultura da terra de Adam Mickiewicz certos de que a consigna adotada por seu povo no recente II Congresso do Partido Operário Unificado da Polónia — «Avante, rumo a novas vitórias!» — será mais um estímulo à produção de nossos bens de cultura que enriquecerão a acervo de toda a humanidade.



A Assinatura do Analfabeto de Ontem no Plebiscito Nacional da Paz Kazimierz A. JAWORSKI

Habituada à ferramenta minha mão ficou meio-século sem conhecer a pena, e agora, mesmo sendo mais leve que um graveto, quanto me pesa.

Sei que na gota de tinta que a pena contém, somam-se meu suor e meu sangue e que dentro em pouco minhas letras indelével vão anunciar ao mundo minha ira, minha revolta.

Alguém quer aniquilar meus filhos, minha mulher, meus pais; reduzir a nada meu trabalho, converter em escombros, em cemitério salpicado de códigos de sangue, os tijolos que ao alto trasladam para ofertar um cáldio e fraternal refúgio.

Minha mão em meio-século nunca pegou a pena e, não obstante, conhece muitas ferramentas. Agora, mesmo sendo mais leve que um graveto, ao pegá-la empalideço.

E' que sei que com esta diminuta ferramenta construo muito mais neste instante do que em toda minha vida. Construo um edifício prodigioso, dos alçórfices ao teto. Para que não, felizes, possam viver os homens; para que o mundo inteiro, imitando meu exemplo, tenha por fim melhores dias, em segurança, em paz, no trabalho justo. Por isso, empalideço. Sim, por isso, é que minha mão treme.

(Adaptação de E. CARRERA GUERRA)

O Encontro Internacional de Arquitetos

EXCURSÕES ATRAVÉS DA REPÚBLICA POPULAR DA POLÓNIA — SÚMULA DAS SESSÕES PLENÁRIAS — ARQUITETURA E PAZ — «UMA VIDA COMPLETAMENTE NOVA» — DOIS REPRESENTANTES BRASILEIROS A IMPORTANTE REUNIÃO — «O PLANO DO CENTRO DE VARSÓVIA ENCHE-ME DE ESPANTO E ADMIRAÇÃO» — DIZ O ARQUITETO BRITÂNICO R. KING

A mulher na nova Polónia

As declarações prestadas pela arquiteta suíça Berta Rham à imprensa estrangeira são um resumo das impressões dos arquitetos visitantes sobre a Polónia: «Desejo, antes de tudo — declarou a artista suíça — expressar minha admiração pela perfeita organização de um rico programa para a nossa excursão através da Polónia.

«Surpreende-me ter constatado que a muitas das arquitetas são confiadas na Polónia a tarefa responsável de projetos de construções de cidades. Na Suíça, a situação é inversa. As mulheres ainda nem conseguiram o direito de voto e as possibilidades de trabalho em nossa profissão são bem menores do que aqui. Torna-se claro que o fato das mulheres

polonesas terem as maiores possibilidades de se entregarem um trabalho criador é devido em grande parte a que a Polónia atravessa uma fase de grande progresso».

Do interesse e da utilidade das excursões e visitas paralelas e complementares do Encontro diz bem o arquiteto sueco Holger Blom:

«Constroi-se enormemente na Polónia e vi que os arquitetos poloneses trabalham com ardor e entusiasmo. Especialmente na construção de áreas interessantes particularmente pelos numerosos parques recentemente projetados, como por exemplo o Parque de Cultura e Repouso entre Chorzow e Stalinozgrad, os grandes campos verdes de Nowa Huta e o Parque Central de Cultura, em Varsóvia. Sou grato aos meus colegas poloneses, que me permitiram estudar

os planos de obras tão interessantes. Levo para Estocolmo foto-cópias desses planos, úteis para a discussão no momento em que planejamos ali um Parque Central para a população urbana».

Súmula das reuniões Plenárias

Reproduzimos, a seguir, um resumo de algumas das intervenções dos participantes das reuniões plenárias do Encontro. Entre outras considerações feitas em seu discurso, disse o urbanista londrino, R. King:

«A lição mais importante que aprendi na Polónia foi incontestavelmente a de que a elaboração de um bom projeto é impossível enquanto a terra e mais particularmente os terrenos municipais permaneçam como propriedade pri-

vada. Na Inglaterra de hoje a propriedade privada é o maior obstáculo à elaboração de projetos arquitetônicos.

«Não imagino como os ingleses reconstruiriam o centro de Londres se tal necessidade se apresentasse. Posso, entretanto, afirmar com absoluta tranquilidade que tal plano, se feito, não seguiria as normas de uma composição clássica, estranha às nossas tradições nacionais. A propósito dessa liberdade na composição devo dizer — e aqui falo de minhas impressões pessoais — que o esplêndido e monumental plano do centro de Varsóvia me enche de espanto e admiração. Na Inglaterra falamos e escrevemos muito sobre projetos mas pouco podemos fazer para realizá-los.

O significado da síntese é apreciado em seu justo valor nos países de democracia popular pela síntese do pensa-

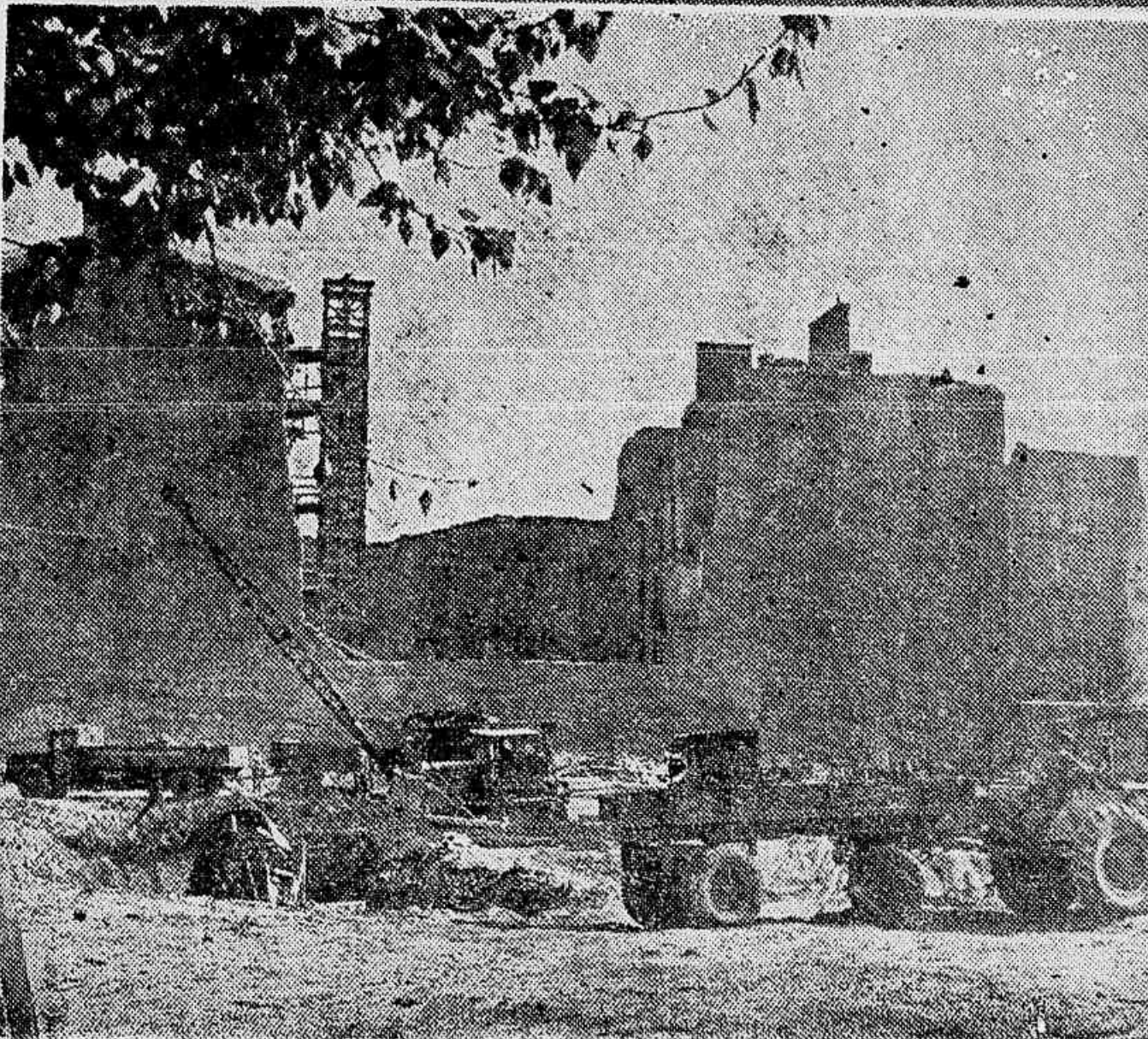
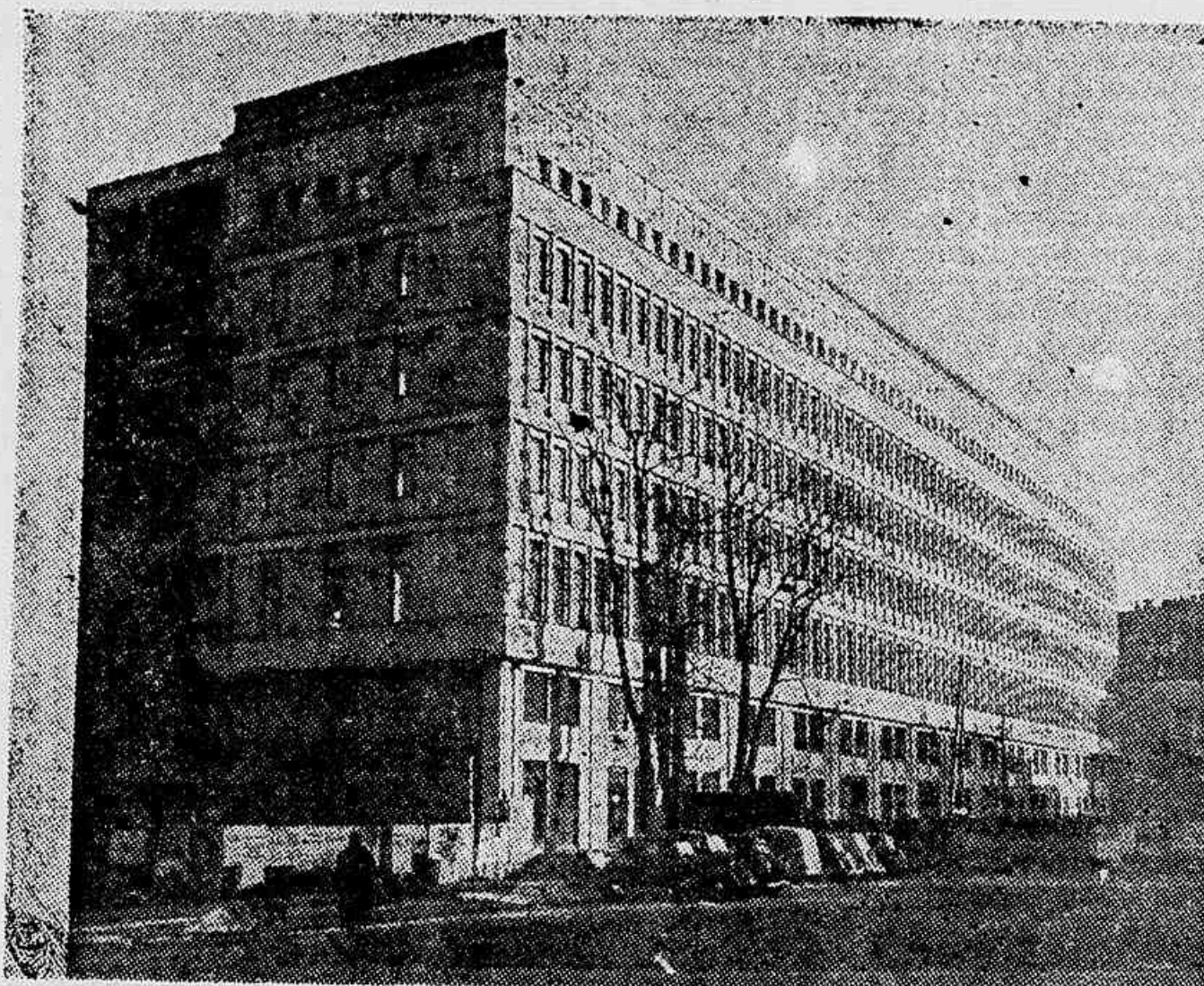
mento e da atividade, da planificação e da realização, pela síntese da vida social e do bem-estar do indivíduo».

Na mesma sessão, usando a palavra os arquitetos: o parisiense M. Gilbert, o presidente do Instituto Híndio de Arquitetura, Homi Dalal, B. Markov, da Bulgária, A. Szapiro, do Chile e Krasova, da Tchecoslováquia.

Outras intervenções, que provocaram atento interesse dos participantes no Encontro foram as de H. Blom, sueco, R. Gerber, suíço, A. Kazan, libanês e H. Hopf, alemão.

O arquiteto argentino, F. C. Vasquez referiu-se às experiências dos arquitetos de seu país no desenvolvimento da cidade, de Buenos Ayres e frisou que os arquitetos de todos os países devem unir os seus esforços para a construção de bases mais sólidas de toda a atividade criadora: a paz.

As fotos que ilustram esta página documentam o esforço de reconstrução da Polónia, obra em que se empenham operários e camponeses, artistas e trabalhadores científicos, todo o povo polonês entregue à construção do socialismo. Os arquitetos estrangeiros participantes do Encontro Internacional de Arquitetos, que foi inaugurado em Varsóvia, a 18 de junho passado, tiveram ocasião de percorrer o país, examinar os projetos ora em execução dos arquitetos da nova Polónia, — planos de construções de casa e de cidades inteiras — diante dos quais se declararam admirados. A data nacional da República Popular da Polónia, comemorada festivamente neste 22 de julho que marca 10 anos da libertação do país, é grata aos povos do mundo inteiro, amantes da paz e da liberdade.



No Próximo Número

Observações sobre «Memórias do Cárcere»

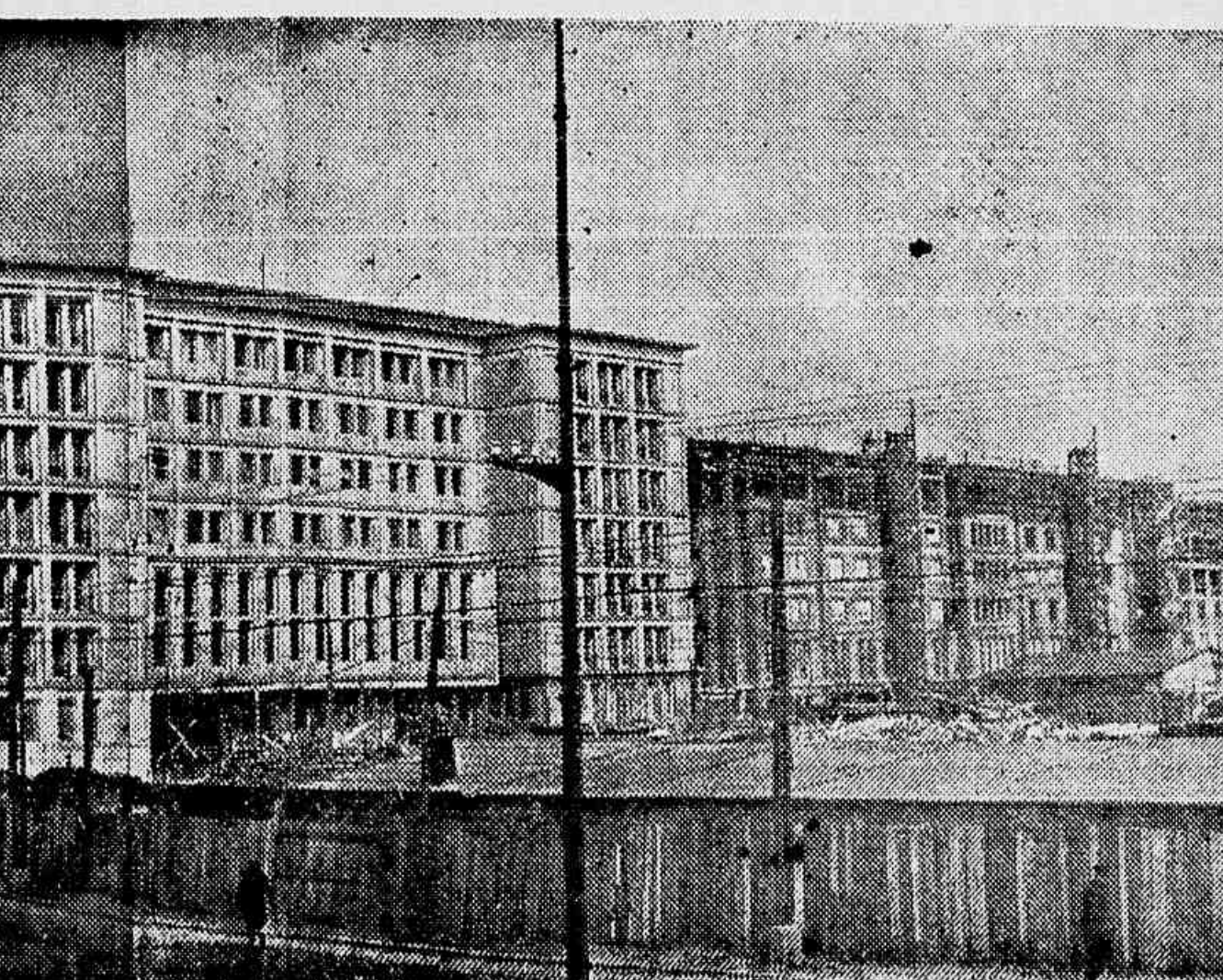
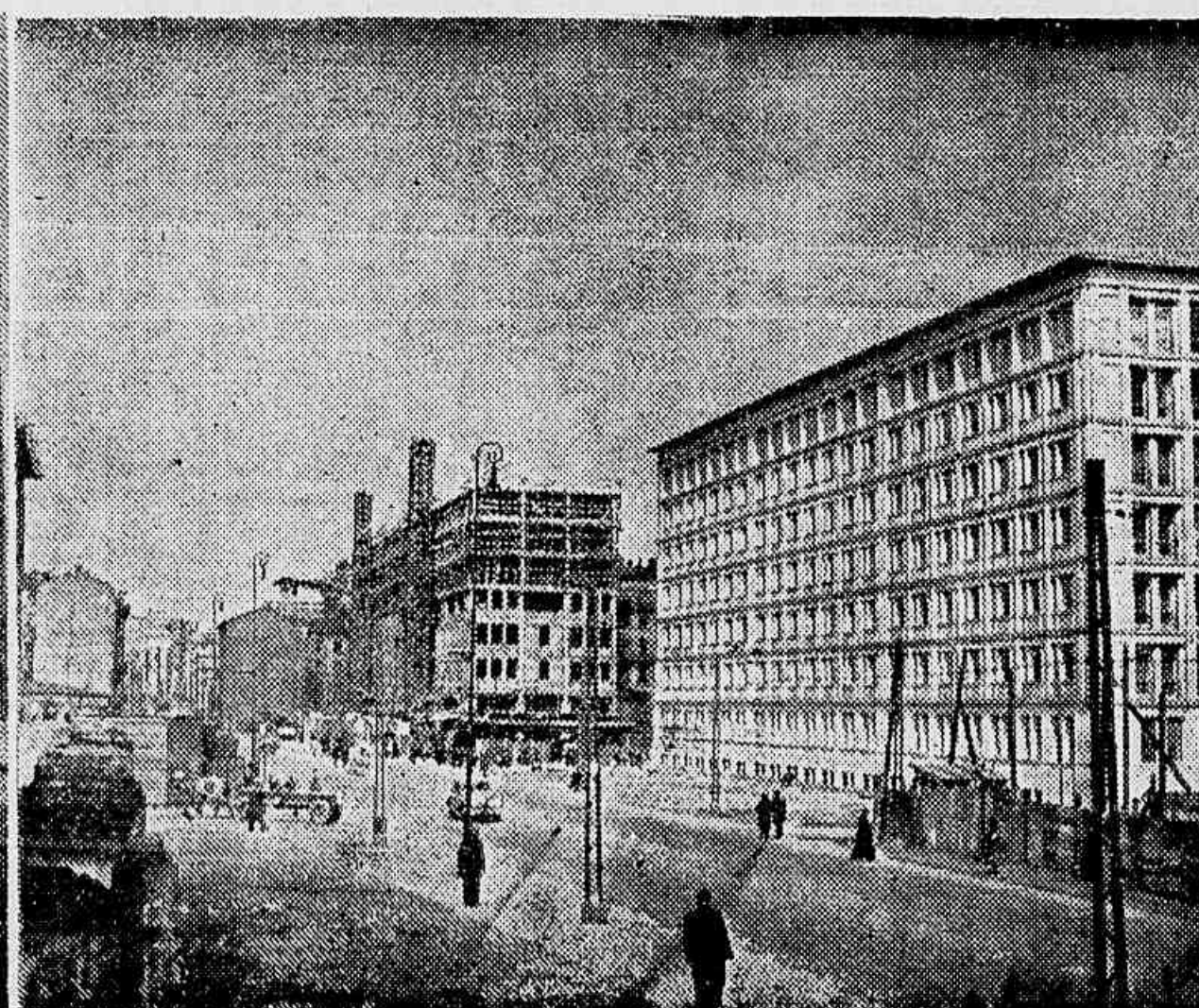
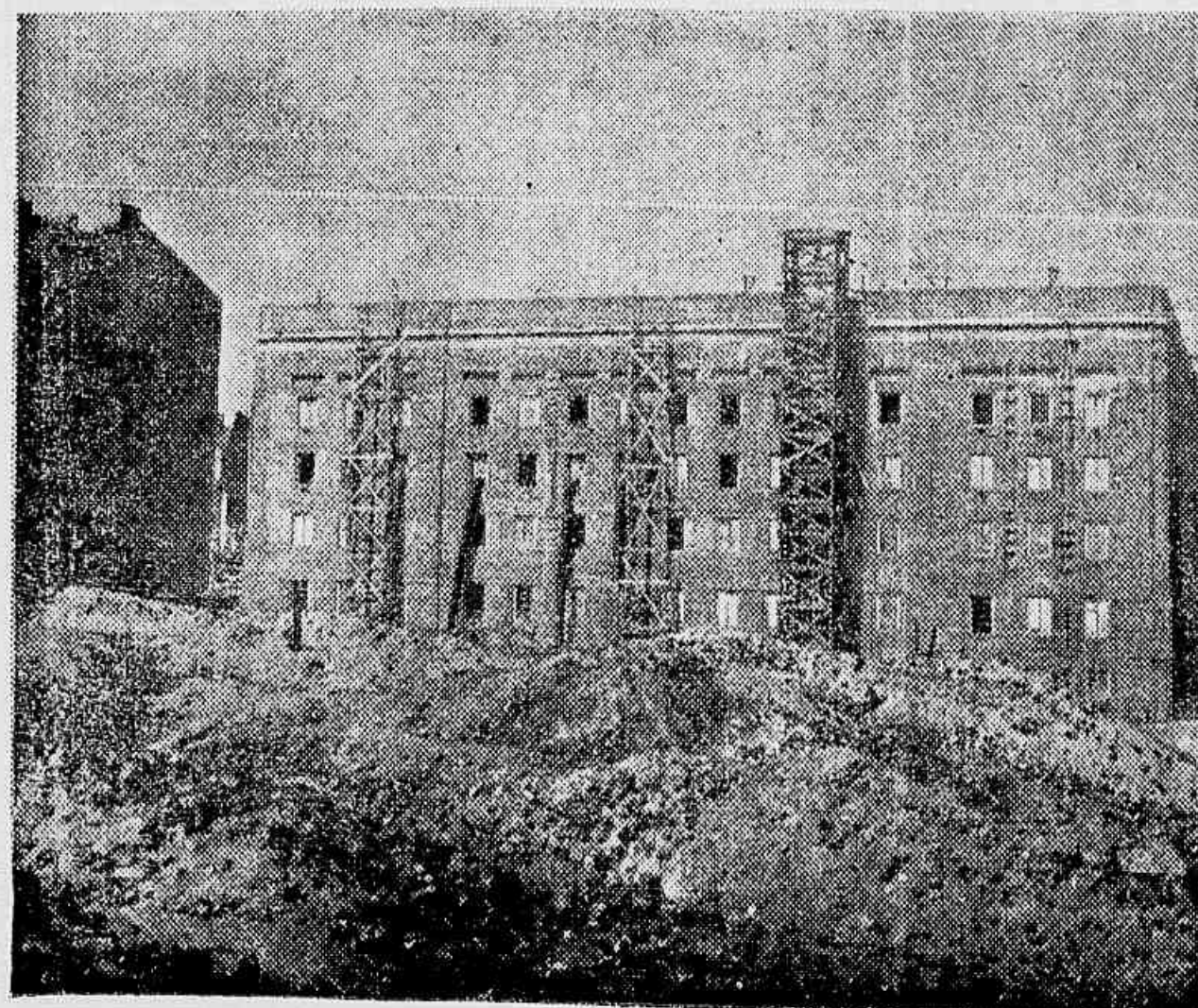
Artigo de Ernesto Luiz Maia

Cinema de pé no Chão

Reportagem sobre «Rio, 40º»

A visão do povo em Jacques Roumain

Entrevista com o pintor Osvaldo Teixeira



Vanka Zhukov, de nove anos de idade, aprendiz do sapateiro Allahin durante três meses, não se foi deitar na véspera de Natal. Esperou que o mestre, sua mulher e os ajudantes saíssem para os serviços religiosos e tirou da guarda-louça do seu patrão um pequeno vidro de tinta e uma pena de bico enferrujado. Colocando à sua frente uma folha de papel amarrada, ele se pôs a escrever.

Antes de começar a primeira carta lançou um olhar furtivo à porta e outro à janela, fixou repetidamente o ombro icônico a cada lado do qual se estendiam as prateleiras repletas de fôrmas e exalou um suspiro de alívio e coragem. A folha de papel estava estendida sobre um banco à sua frente.

«Querido vovô Konstantin Makaritch», escreveu. «Estou lhe escrevendo uma carta. Desejo-lhe um Feliz Natal e tudo de bom que Deus lhe possa dar. Não tenho papai nem mamã, só tenho é você».

Vanka lançou um olhar para a janela na qual brilhava o reflexo da vela acesa e imaginou a figura de seu avô, Konstantin Makaritch, vigia noturno na casa dos Zhivarev: um velho de 65 anos, pequenino magro, estranhamente ágil e vivo, sempre a sorrir e sempre rameloso. Passava o dia na cozinha com os criados ou a tagarelar com os cozinheiros. À noite, envolto num amplo capote de couro de carneiro, percorria a propriedade dando golpes com seu bastão. Atrás dele, com a cabeça baixa, caminhavam a um e outro lado, a velha cadela Kashtanka e o cão Viun, assim chamado devido ao pelo negro, o corpo comprido e a estranha semelhança com um cadoz (1). Viun era um cão muito amigável e cordial, que olhava um estranho como ao seu próprio dono, mas que não merecia confiança. Sob a capa de deferência e humildade escondia-se a mais inquisitorial das maldades. Ninguém melhor para farejar e morder uma perna, mergulhar sorrateiramente na despensa ou furtar a galinha de um «mujik». Mas de uma vez quase tivera partidas as pernas, duas vezes estivera a pique de ser enforcado. Toda semana era surrado até quase à morte, mas sempre se recobrava.

Com certeza neste mesmo momento o avô de Vanka deve estar de pé ao portão, piscando às janelas rubras e fortemente iluminadas da igreja da aldeia batendo no chão os pés calçados de botas altas de feltro e a pilheriar com os que estão no pátio. Seu bastão, pendente do cinto, é apertado ao corpo nos braços para lutar contra o frio, soltando um pigarro seco de gente velha e, às vezes, beliscando uma das criadas ou a cozinheira.

— Não vamos tomar uma pitadinha de rapé? — pergunta, oferecendo às mulheres a caixa de pó. Elas tomam uma pitada e espirram.

O velho exclama, alegre após longa gargalhada:

— Bota pra fora senão gela em teu nariz!
Dá aos cães do mesmo pó. Kashtanka espirra, encolhe o nariz e afasta-se, ofendida. Viun recusa-se com deferência a cheirar o rapé e sacode a cauda. Faz um tempo magnífico, nem um leve sopro se sente do vento gelado. É uma noite escura mas a aldeia inteira, com seus tetos brancos e suas faixas de fumo saindo das chaminés, as árvores douradas pela crosta de gelo e o cair da neve se oferecem à vista. No céu cintilam as estrelas e a Via Lactea surge tão clara que parece recém-polida com neve para as festas...

Vanka suspira, mergulha a pena no tinteiro e continua a escrever:

O debate de «Os Subterrâneos da Liberdade»

A discussão do último livro de Jorge Amado entusiasma críticos, escritores e o público leitor. Temos em mãos, somente de leitores, três longos artigos. Ainda outros dois, de escritores, aguardam publicação. Seremos forçados a começar a seleção do material que nos chega. Assim, domingo próximo, um dos cinco trabalhos já recebidos será publicado, dando prosseguimento ao debate.



JORGE AMADO
(Desenho de Leopoldo Mendez)

Um conto de A. TCHEKOV:

VANKA

«Ontem à noite tomei uma surra: o patrão me arrastou pelos cabelos até ao patio e me bateu com uma correia de sapateiro porque dormi quando empurrava o berço do filho dele. E durante a semana a patroa mandou que eu limpasse um peixe e eu comecei pelo rabo. Ela pegou o peixe e bateu com ele na minha cara. Os ajudantes, de pirraça me mandam buscar vodka na taverna, me obrigam a roubar os pepinos do mestre e o patrão me bate com a primeira coisa que encontra. E não tem comida aqui; de manhã é só pão, no almoço mingau e pão de novo na janta. Chá ou então sopa de couve, isso é só para o patrão e a patroa. Me fazem dormir no vestibulo e quando o menino chora eu não durmo nada, porque tenho de ficar balançando o berço dele. Querido vovô, pelo amor de Deus, me leve daqui para nossa casa na aldeia, não aguento mais... Me ajoelho em sua frente e vou rezar a Deus todo dia e para sempre, mas me leve daqui ou então eu morro...



ANTON TCHEKOV — Os arquivos da Universidade de Moscou conservam a ficha de admissão à Faculdade de Medicina de Anton Tchekov, datada de 1879. Seu nascimento é fixado na mesma ficha na data de 17 de janeiro de 1860.

Os pais e avós de Anton Ivanovich eram servos. Após comprar sua carta de alforria, o pai de Tchekov adquiriu uma pequena casa comercial. Nos seus primeiros anos de estudante, Tchekov consultava seus livros de latim atrás do balcão e interrompia o estudo sempre que a campainha da porta anunciava a chegada de um freguês. O escritor declarou certa vez: «Fui uma criança que não teve infância». São palavras reveladoras da mesma melancolia que certa vez ditou o seguinte trecho de carta a um amigo escritor: «... Escreva então a história de um jovem, filho de servos, antigo caixeiro de balcão, cantor, estudante, criado no respeito à autoridade, na admiração às idéias alheias, levado a beijar as mãos dos sacerdotes, acostumado a agradecer humildemente cada coice de pau. Um menino que foi surrado com muita frequência, que acorria às aulas sem um abrigo contra o frio, que lutou, torturou animais, adorava jantar com parentes ricos, e que era desnecessariamente hipócrita para com Deus e os homens pela simples razão de que estava cioso de sua insignificância. Escreva sobre como, grandalmente, ele apagou o servo em si próprio, e de como, um belo dia, sentou subitamente que o sangue que lhe corria nas veias não eram mais um sangue escravo, mas o sangue de um homem de verdade»...

Iniciou muito cedo sua atividade literária, colaborando com pequenos contos, sob vários pseudônimos. (Antosha

Chekonte foi um deles) para as revistas humorísticas de São Petersburgo. Essa colaboração lhe rendia pequenas quantias com que aliviar sua situação de estudante sem recursos.

Seus primeiros livros passaram despercebidos à crítica da época mas atraíram a atenção de muitos leitores e a amizade e apoio das grandes figuras do tempo: Tolstoy e Saltykov Chedrin. Pouco depois, porém, seus maravilhosos contos conquistavam para ele o primeiro plano na ficção russa. Veiu então o reconhecimento e a fama.

Sua atividade literária não o afastou nem um dia sequer de sua atividade profissional de médico. Em 1890, por exemplo, viajou para a ilha de Sakhalin, médica à população atingida onde organizou a assistência por uma epidemia e de onde trouxe alguns ensaios e um novo livro de histórias curtas.

A tuberculose, contralida em seus dias de miséria, obrigou-o a deixar Moscou pela Crimeia, obrigando-o antes a procurar a cura no clima da Itália. Tchekov faleceu em 1904.

Sua obra literária, farta e de qualidade invulgar, influiu decisivamente para o desenvolvimento posterior da literatura de sua pátria. Os escritores e ensaístas soviéticos cultuam a memória de Anton Tchekov, ressaltam o humanismo de sua obra, a sua denúncia e condenação da vida injusta da época em que viveu e sua imensa capacidade de transmitir os sentimentos do homem, seu desejo de justiça e de bem-estar. Sobre ela têm sido publicados livros em quase todos os países do mundo e hoje, cinquenta anos após o seu falecimento, a humanidade se volta, comovida e grata, para a memória daquele que foi um dos momentos mais altos da literatura.

mesmo que eu não posso arranjar trabalho aí, nesse caso eu peço ao gerente para me deixar limpar as botas dele ou sair no lugar de Fedia, como ajudante de pastor. Vovô querido, eu não posso suportar mais isto, vou acabar morrendo... Eu quis fugir para a nossa aldeia mas não tinha botas e fiquei com medo do frio e quando eu crescer vou tomar conta de você e não deixar ninguém lhe fazer mal e quando você morrer eu fico rezando pelo descanso de sua alma como eu faço pela de mamãe.

Moscou é uma cidade grande, cheia de casas de gente rica, têm muitos cavalos e nenhum carneiro, e aqui os cachorros não são malvados. No Natal as crianças não vêm nos visitar com uma estrela na mão, não deixam ninguém cantar no côro e uma vez eu vi numa loja uns anzóis numa enfiadeira e caníços, tudo para vender, e para toda espécie de peixe, muito bom. Até tinha um que era para peixe-faixa dos que pesam meio-quilo. E têm lojas com espingardas, iguazinhas a do patrão, tenho certeza de que custam 100 rublos cada uma. Nas mercearias tem galinhas, perdizes e lebres, mas o homem da loja não diz quem foi que caçou nem de onde elas vieram.

«Meu vovozinho, quando os patrões armarem a árvore de Natal, tire uma noz dourada e esconda ela na minha caixa verde. Peça à menina, Olga Ignatyvna, diga que é para Vanka».

Vanka suspirou convulsivamente e mais uma vez fitou a janela. Lembrou-se de que seu avô ia sempre à floresta atrás da árvore de Natal e levava o neto consigo. Que tempos felizes, aqueles! O gelo estalava, seu avô sorria, e ao ouvi-los, Vanka os imitava. E antes de abater a árvore de Natal seu avô fumava o cachimbo, tomava uma grande pitada de rapé e zombava do pobre do pequeno Vanka, enregelado. Os jovens abetos envoltos na geada ficavam imóveis esperando para ver qual deles iria tombar. De repente uma lebre saiu ninguém sabia de onde disparava pela neve... Seu avô não se podia conter e gritava:

«Pega, pega, pega! A diabo do rabo curto!»

Após abater a árvore o seu avô arrastava-a até à casa do patrão e lá se punham a decorá-la. A mesma, Olga Ignatyevna, grande amiga de Vanka, não saía de perto. Quando a mãe de Vanka, a pequenina Pelagueia morreu, puseram o orfão na cozinha com o avô e dali o mandaram para Moscou, a Aliakhin, o sapateiro.

«Venha depressa, querido vovô», prosseguiu Vanka. «Peço-lhe pelo amor de Deus, que me leve daqui. Tenha pena de um pobre órfão pois aqui eles me batem e eu estou com muita fome e tão triste que nem sei lhe dizer, choro o dia inteiro. Outro dia o patrão me bateu na cabeça com uma fôrma; caí e perdi os sentidos, custei a acordar. Minha vida é uma pena, pior do que a de um cachorro... Mando lembranças para Aliona, para Tegor, o caôlho, e para o cocheiro e não deixe ninguém tomar minha gaíta. Seu neto, Ivan Zhukov, vovozinho, venha me buscar».

Vanka dobrou em quatro a sua folha de papel e colocou-a num envelope comprado por um kopeck na noite anterior. Pensou um pouco, mergulhou a pena na tinta e escreveu o endereço:

«Na aldeia, a meu avô». Depois, coçou a cabeça, pensou novamente e acrescentou: «Konstantin Makaritch». Contente por não ter sido surpreendido enquanto escrevia, botou o gôrrô e, sem vestir seu casaco de couro de carneiro, correu em mangas de camisa para a rua.

O homem da casa de aves, do qual inquerira no dia anterior, explicara-lhe que se devia colocar as cartas nas caixas de coleta, de onde eram expedidas para todo o mundo em «troikas» do correio dirigidas por estafetas bebados e ao som das campainhas, Vanka correu para a primeira caixa de coleta que avistou e deixou deslizar pela fresta a sua preciosa carta.

Uma hora mais tarde, embalado pela esperança, dormia profundamente. Em seu sonho viu uma estufa e ao lado dela o seu avô, sentado com as pernas pendentes, descalço, lendo uma carta para as cozinheiras e Viun, que andava em roda do fogo sacudindo a cauda.

(Tradução de J. A.)

(1) — Cadoz — peixe de agua doce.

Correspondência do Suplemento

JAIR MENDES (Niterói, E. do Rio) — Sua poesia «Beleza nos livros, ódio no coração», inspirada na leitura de «Os Subterrâneos da Liberdade», foi encaminhada ao escritor Jorge Amado. Se as idéias nela contida são elevadas, a comunicação das mesmas, aos leitores com sua carga de emoção, é totalmente prejudicada pela forma deficiente. Recomendamos ao amigo a leitura dos grandes poetas, o estudo das normas do trabalho poético. Aguardamos novas colaborações.

ACCIOLO LOPO (?) — Sua balada do vento chinês foi encaminhada ao responsável pela seção de poesia do nosso Suplemento. Na edição do próximo domingo estaremos capacitados para lhe transmitir a opinião deste nosso redator.

NILSON DE AZEVEDO (?) — Seu conto «Antes tarde do que nunca» revela certo cuidado na redação mas pouca prática do gênero. Seria necessário construí-lo de outra maneira e dar maior atenção ao que é posto pelo amigo em plano secundário: o processo de convencimento do operário pouco esclarecido, sem a justa compreensão de certas questões que o interessam, é tratado de maneira sumamente esquemática, o que reduz o conto a uma simples notícia de jornal. Creemos que V. deve trabalhar novamente o seu material, lembrando-se do conselho de Fadaev: «somente o que foi referido três ou quatro vezes ao menos merece publicação».

O ESTUDO DA HISTÓRIA... (conclusão da 2ª página)

A realidade brasileira não está por isto presente no estudo de «História Econômica do Brasil». O camarada Caio Prado Junior já devia ter iniciado inteira revisão do seu trabalho porque dele pouco se salva e aparecer com outro estudo que não seja assim pernicioso aos estudiosos como essa sua «História». É necessário que uma obra de história seja instrumento útil a todos nós que desejamos estudar a situação brasileira do passado, como caminho para melhor compreensão da realidade atual, de cuja análise marxista resultaram as conclusões teóricas que dão forma e norteiam nosso Programa.

Na luta de nosso povo por sua libertação nacional, o estudo e a divulgação das teses do Programa, do mesmo modo que a sua aplicação prática imediata, são fatores de seu êxito. O conhecimento da História constitui ajuda útil para a execução dessa tarefa, mas é preciso que trabalhos de historiadores como este do camarada Caio Prado Junior não continuem a ser um impedimento e um fator de confusões tão grandes.

RIVADAVIA MENDONÇA — RIO 14 DE JUNHO DE 1951.

«LIBERTEMOS O NOSSO CINEMA!»

MODESTO E JACKSON DE SOUZA, pai e filho, são uma história viva do nosso teatro e do nosso cinema. São atores de qualidade, conhecidos do público que acorre a vê-los no palco, que não perde um filme em que apareçam Modesto ou Jackson. Eles têm muito o que contar e a opinião de quem há tanto tempo está ligado às coisas do teatro e do cinema brasileiros é sempre interessante. Daí essa entrevista com Jackson de Souza que, dias atrás, surgiu em nossa redação com a cabeça pelada (ver foto nesta página) e se pôs a conversar, cercado pelos nossos reporteres e redatores.

— Estou fazendo o papel de um presidiário, o «Baiano», um tipo de caráter ás-



Jackson de Souza uma cena de «Casca»

pero, no filme «Mãos Sangrentas» e fui obrigado, por exigência do papel, a raspar a cabeça — informou o jovem ator satisfazendo a curiosidade dos seus amigos jornalistas.

— De quem é esse filme Jackson?

— É uma co-produção. Você sabe que as co-produções não representam a solução desejável para o nosso cinema. Nem para o cinema de qualquer país. Devemos ter filmes nossos, com pessoal técnico e história nossas, diretores e atores brasileiros. A prata da casa,

Jackson de Souza e sua atuação no cinema e no teatro — Wall Street, Vargas e a crise do cinema brasileiro — É necessário o apoio do povo à luta dos cineastas

Entrevista de José BENTO

enfim. Mas — acrescenta o ator característico — a crise é grande e, apesar das evidentes desvantagens, a co-produção é uma saída neste momento: possibilita continuar filmando, não parar, não morrer de vez, como querem os inimigos de nosso cinema.

A DUPLA CÔMICA DOS TEATROS DO INTERIOR

De pé, no meio do grupo, dócil às perguntas metralha-

de dos organizadores, os donos do teatro, o número de atores lá se reduzindo pouco a pouco e inúmeras vezes nos encontramos os dois sozinhos e a companhia era completada com minha mãe. Seguimos os três pelas vilas e cidades, levando um pouco de teatro-reduzido às cortinas e «sketches», às peças improvisadas e reduzido número de personagens — à gente do interior, que antes só conhecia o circo. Assim me formei como ator.

Um comentário acompanhado de um sorriso da cor à sua lembrança:

— Era uma vidinha dura, irmão!...

DE «OS COMEDIANTES» AO CINEMA

— Foi em 1944, no grupo dos «Comediantes»...

E Jackson de Souza conta de como, após participar do movimento tão importante desse grupo, que surgiu num instante de crise do teatro, ingressou no cinema:

— Depois de Diretor-Gerente de «Os Comediantes», fui convidado para o elenco de «Cavalo 13». Foi a minha estreia no cinema. De 1949 a 1953, voltado inteiramente para o cinema, participei das seguintes produções: «Caminhos do Sul», «Quando a Noite Acaba», «Echarpe de Seda», «Casca», «A Mulher do Diabo», «O Comprador de Fazendas», «Aguilha no Palheiro» e «Fatalidade». Agora estou no «cast» de «Mãos Sangrentas», ao lado de atores nacionais.

Antecipando-se a uma pergunta nossa, Jackson informou ainda:

— Mas, não fiz apenas isso. Estive na Televisão em S. Paulo, dei umas voltas pelo teatro, fazendo inclusive o papel de Arlequim na peça de Goldoni «Arlequim, servidor de dois senhores», levada em S. Paulo por Ruggero Jaccobi e tive a maior alegria de minha vida: fui convidado a visitar a União Soviética.

LIBERTAR O CINEMA NACIONAL DO CONTROLE DE HOLLYWOOD

A uma pergunta do nosso cronista cinematográfico, Jackson de Souza declara:

— Temos um mercado cinematográfico de grandes possibilidades, comprovadas. Basta ver a renda que dá aos filmes americanos. Daí o controle de Hollywood, mantido com ajuda do atual governo, principal entrave ao desenvolvimento do nosso cinema. Veja a lei dos 8 por 1: foi uma conquista nossa, após uma luta árdua. Somente com a força de dois congressos nacionais conseguimos o direito de usar nossas próprias salas de projeção uma vez enquanto os americanos se utilizam dela para 8 películas de sua produção. Não é um absurdo? Pois mesmo assim, se descuidarmos, o governo esquece de aplicá-la. Foi o que se deu com os jornais de cinema.

A portaria da censura que obriga os produtores estrangeiros a importarem 10% de jornais brasileiros sobre o total dos que nos enviam, vigorou durante uns meses. Foi um alívio para as nossas plateias, que ficaram sem ver propaganda de guerra nesse tempo. Depois a portaria foi engavetada e os «newsreels» estão aí novamente, sem que nossos produtores de jornais tenham sua renda melhorada com a venda de cópias de seus filmes para o estrangeiro. Ou liquidamos esta situação absurda — diz Jackson de Souza — ou não poderemos progredir.



O excelente ator característico numa tomada de «Mãos Sangrentas»

O APOIO DO POVO À LUTA DOS CINEASTAS

O ator, que vive os problemas de nosso cinema, mais uma vez se antecipa à nossa pergunta e diz:

— Esse controle absurdo, que o próprio governo procura, com uma inútil Comis-

são de Cinema, mascarar, propondo medidas vagas, que apenas tocam detalhes e não ferem o centro da questão, deve ser o alvo da campanha dos cineastas e de todo o povo pelo nosso cinema. O governo Vargas faz ouvidos de mercador aos reclamos dos trabalhadores do cinema.

Fizemos dois grandes congressos — conclui Jackson de Souza — faremos outros, faremos todo o necessário para sair dessa situação de eterno desemprego para os atores, de falta de capitais para os filmes; insistiremos junto ao Senado para que seja aprovado o projeto que cria o Instituto Nacional do Cinema, feitas as modificações desejáveis, o dia virá em que teremos criadas as condições necessárias ao crescente desenvolvimento do nosso cinema. Até lá lutaremos por todos os meios para modificar as atuais condições. Esse é um ponto de vista compartilhado por todos os atores e diretores, pelos trabalhadores manuais dos estúdios e deve ser também o ponto de vista do nosso povo, entusiasta e maior animador dos nossos esforços.

O Cinquentenário de Neruda

DE SANTIAGO os últimos telegramas dão conta dos primeiros atos na programação de festejos comemorativos do 50.º aniversário natalício do grande poeta Pablo Neruda.

Assim é que após o ato solene de inauguração das comemorações, do qual a população da cidade participou lotando as dependências do teatro, foram abertas duas grandes exposições: Uma bibliográfica e documental, leva o título de «A vida de um poeta», e foi organizado pela Reitoria da Universidade do Chile e dada ao público na Sala de Exposições da Faculdade de Belas Artes (Casa Central da Universidade do Chile). Esta exposição esteve franqueada aos visitantes entre os dias 14 e 15 passados.

Os artistas plásticos do Chile organizam a segunda, em homenagem ao poeta grande amigo dos plásticos. A mostra é uma expressão da vitalidade da pintura, gravura e desenho chilenos, primeiro do seu tipo a ser feita, foi localizada na Quinta Normal. A mostra possibilitou conferências e debates sobre assuntos artísticos nos quais tomaram parte artistas nacionais do Chile, professores da Faculdade de Belas Artes, artistas e críticos de arte estrangeiros, membros das delegações de outros países convidados às festas do cinquentenário.

Outro dos primeiros atos do programa, de que temos notícias, foi o debate público realizado pelos romancistas estrangeiros e chilenos atualmente em Santiago. Usaram da palavra, entre outros, Jan Drda, tchecoslovaco, presidente da União dos Escritores de seu país, novelistas uruguaios, chilenos, argentinos, búlgaros, e o brasileiro Jorge Amado, presidente da Associação Brasileira de Escritores.

Cartazes com o retrato de Pablo Neruda estão colados aos milhares por toda a cidade.

«DEGÊLO» NOVO LIVRO DE ILYA EHRENBURG

Foi lançada na União Soviética e aparecerá por estes dias nas livrarias de Paris, novela de Ilya Ehrenburg, «Degêlo». Ao contrário dos últimos trabalhos do extraordinário romancista soviético, «Degêlo» é uma novela curta, de apenas duzentas páginas e sua ação decorre na U.R.S.S.

Recentemente um longo artigo de Ehrenburg sobre o trabalho do escritor causou sensação em todo o mundo, despertou polémicas e mereceu a maior atenção da intelectualidade, parte da qual considera este uns dos trabalhos mais completos jamais escritos no gênero.

Os Plásticos e a Decoração Dos Edifícios Públicos

Declarações de d. Georgina de Albuquerque, diretora da Escola de Belas Artes — Os artistas devem fazer uma campanha como a do salão em preto e branco



D. GEORGINA DE ALBUQUERQUE

O CRONISTA de artes plásticas da 4ª página de IMPRENSA POPULAR comentou para os seus leitores o movimento que reúne os artistas plásticos em torno de uma justa reivindicação: a de que o governo, que nenhuma atenção dá aos problemas dos artistas, pelas casas do Legislativo, torne obrigatória a decoração dos edifícios públicos. Lutando com as maiores dificuldades para viverem de seu trabalho criador, os plásticos vêm na aprovação do projeto de lei que encaminham à Câmara de Vereadores do D.F. a possibilidade de nova fonte de encomendas ao mesmo tempo em que a cidade lucrará tendo os seus edifícios públicos embelezados com obras de arte.

O nosso Suplemento, atento ao desejo dos artistas de todas as tendências, unidos em defesa da cultura nacional, julga-se no cumprimento de sua função ao iniciar uma série de entrevistas com os trabalhadores das artes plásticas sobre o assunto, visando não apenas solidarizar-se com a campanha que encetam como também trazer para ela o indispensável apoio dos leitores.

Iniciando essa série de pequenas entrevistas reproduzimos a seguir as respostas dadas por d. Georgina de Albuquerque, pintora, diretora da Escola Nacional de Belas Artes, as perguntas do nosso redator sobre o problema.

A NECESSIDADE DE MELHORAR A SITUAÇÃO MATERIAL DO ARTISTA

— Acredita que essa lei municipal será importante para o florescimento das artes plásticas no Rio?

— A lei dará possibilidades de trabalho aos artistas — disse d. Georgina — Essa possibilidade de realizações é que, seguramente, trará a expansão das artes plásticas.

— A lei concorrerá para a melhoria da situação material do artista?

— Sim, visto que cria oportunidades de trabalho.

— Não cre que essa lei deveria ter âmbito nacional?

— Com o tempo, provavelmente, isto aconteceria.

A VITÓRIA DA CAMPANHA DEPENDE DOS ARTISTAS

— Acha que deve ser feito um movimento equivalente ao do Salão em preto e branco para que os artistas consigam a aprovação e execução dessa lei?

— Sim; não um só mas muitos. Contínuos e persistentes. Julgo que os artistas devem continuar a trabalhar junto aos vereadores até conseguirem a aprovação da lei.

O apelo de d. Georgina de Albuquerque à campanha que movem os plásticos em torno de mais essa reivindicação é, sem dúvida, de grande importância dado o prestígio e a autoridade de nossa entrevistada de hoje.

«IL PICCOLO TEATRO DE MILANO»

A temporada do Piccolo Teatro de Milano no Rio de Janeiro, embora curta, foi amável, suficiente do que pode uma empresa onde se procura a função da arte teatral como instrumento de difusão, preservação e desenvolvimento da cultura. Neste sentido assumiu grande importância a entrevista coletiva — já comentada para **IMPRESSÃO POPULAR** — concedida à crítica especializada pelo diretor geral da companhia, Paolo Grassi. Ficaram claros os pontos de vista do grupo relativamente a um assunto que via de regra não é abordado — (a não ser de modo muito lírico, utilizando-se frases bem torneadas e vazias) — nos pronunciamentos do gênero. Dê, com efeito, palavras que vale a pena repetir: «Teatro pelo teatro não nos interessa. Desejamos realizar bons espetáculos para todos os homens, sem discriminações. Mas não é somente a qualidade formal dos espetáculos o que visamos, e sim tornar acessível o teatro a todo o povo». De que forma? Fugindo à pegada cerebriana, ao hermetismo, abandonando as peças intelectualizadas. Buscando bem pelo contrário, as que melhor falem aos homens de sua condição humana, as que se revelam caras à sensibilidade da plateia. Apresentando-as com segurança, mediante «mises-en-scène» cuidadas e interpretações corretas. Sem os requintes que transformam a perfeição em frieza. Sem o exagerado esmero exterior, que na realidade traduz apenas virtuosismo gelado.

Tais conceitos só tem evidentemente valor porque não servem de escudo a realizações débeis. E não se extrai o comentário, à primeira vista acariano. Pois vê-se muito disso: bons princípios encobrindo maus resultados. A companhia de Milão, porém, deu-nos, um belo exemplo nesse terreno trazendo à América do Sul aquilo a que chamam um repertório de textos, não de personagens: «Arlecchino servitore di deu padroni» (Carlo Goldoni), «La moglie ideale» (Marco Praga), «L'imbecille», «La patente» e «La giara» (Luigi Pirandello), «Nostra dea» (Massimo Bontempelli), «L'oro-matto» (Silvio Giovaninetti), «Um caso clínico» (Dino Buzzati).



Sarah Ferrati — a sra. Giulia de «A esposa ideal», de Marco Praga

O que foi a temporada do conjunto italiano — Um pouco da história do excelente grupo — Tornar o teatro acessível a todo o povo — Exemplo de luta pelos direitos dos trabalhadores do Teatro

Antônio BULHÕES

que, além dos clássicos (Shakespeare e Sófocles), foram focalizados certos momentos neurálgicos da arte dramática italiana, a seleção relacionada evidenciando a preocupação de defender a dramaturgia própria, colocando em primeiro plano as obras, passadas e atuais, que mais caracteristicamente representam a cultura da península. Na excursão ao exterior patenteou-se a intenção dos dirigentes da empresa de levar peças nacionais representativas, mesmo como sacrifício de autores por vezes superiores, co-



Stella Alqui

mo Ibsen e Ostrovsky, sacrificando até Gorki, Tchekov e Molière, cuja encenação teria provocado aplausos unânimes e evitado certas críticas.

Várias pessoas, efetivamente, referiram-se com menosprezo à peça de Marco Praga, chegando a haver protestos contra o «absurdo» de representá-la. Trata-se, na realidade, de uma obra sem méritos especiais, apresentando, no entanto, um lado muito positivo: o de ser uma comédia de costumes do século XIX em que a época é fielmente retratada. Isto bastaria para justificar a sua inclusão no repertório principalmente quando este foi planejado para plateias que pouco conhecem do teatro italiano. Seria, então, absurdo — transportá-la a este para o Brasil —

encenarmos Martins Pena, Joaquim Manuel de Macedo ou Arthur Azevedo? E não devemos esquecer que «A mulher ideal» mereceu as honras de estrelar com Eleonora Duse no papel principal, em Turim, em 1890. A noite foi ainda valorizada pela montagem do espetáculo — absolutamente fiel até aos menores detalhes — e pela interpretação soberba.

«Arlequim, servidor de dois anos»

Não tivemos, infelizmente, todo o repertório programado para a América do Sul. Razões diversas encurtaram a temporada carioca e assim ficamos limitados a quatro espetáculos, dos quais o melhor foi, sem dúvida, «Arlequim, servidor de dois anos». A «mise-en-scène» da deliciosa comédia revelou a excelência da equipe, artística e técnica, de que dispõe o Piccolo Teatro. Excelência confirmada nas três réclitas seguintes. Os três atos únicos de Pirandello, por exemplo, «O Imbecil», «A Patente» e «A Jarra», do melhor Pirandello, do mais popular e autêntico, esses três atos de tom diverso, época e ambiente diferentes, levados na mesma noite, foram como uma prova para a flexibilidade do elenco e da direção. E se a maneira adotada no «Julio Cesar» talvez tenha sido exuberante demais tratando-se de um texto shakespeariano — se, enfim, é possível discordar-se do caráter atribuído ao drama — ninguém negará seu vigor e coerência, ninguém esquecerá o discurso de Marco Antonio aos romanos, inolvidável a cena da morte de Julio Cesar.

Excelência de equipe, fundamentalmente. Um conjunto que apresenta uma atriz do quilate de Sarah Ferrati, hoje Electra, amanhã Guilla Campini, esposa e amante estremosa. O ator Romolo Valli, sucessivamente advogado de fim do século, suicida, juiz, e camponês. Equipe que se conduzia por entre cenários magníficos de Gianni Rato, Piero Zulfi e Luciano Damiani. Levada pela mão firme de Giorgio Strehler, o diretor, cuja versatilidade assombra, embora não se compreenda como, trabalhando há sete anos, ainda não formou seus próprios assistentes, ainda não criou novos «metteurs-en-scène» capazes de continuar-lhe o trabalho.

Um pouco da história do conjunto italiano

A temporada foi curta mas suficiente para formarmos uma idéia bastante exata do verdadeiro caráter desse grupo que há sete anos surgiu na Itália, nos dias tormentosos do pós-guerra. Surgiu com problemas sérios. Semi-destruída a cidade pelos bombardeios, o primeiro passo consistia em procurar uma sala. Terminaram por encontrar uma, pequena, escangalhada. Seiscentos lugares e palco reduzido. Cumpria reformar tudo, obter material e mão-de-obra de favor, os próprios artistas ajudando no trabalho. Era necessário pintar as paredes e instalar novo sistema elétrico, reformar poltronas quebradas e camarrins. No dia da estreia o ner-

vosismo dominava a casa inteira, a ansiedade enchia o coração de atores, diretor, maquinistas e porteiros. A plateia, repleta, como que sentia o ambiente carregado, quase mil pessoas ocupavam inclusive as escadas e corredores.

A orquestra iniciou o espetáculo. Mozart. Amenizou-se aos poucos a atmosfera trazendo, a música a serenidade necessária ao êxito daquela noite. E aberto enfim o pano, a simples vista dos cenários ganhou a boa-vontade dos espectadores. Estreava «Arlequim, servidor de dois anos». Os sucessos começaram a encarecer-se: «O gigante da montanha», «Ricardo II», «O Misántropo», «O Inspetor», «A tempestade», «Bas Fond» e tantos outros, somando, até maio deste ano, 60 montagens. O grupo percorreu a Itália e visitou Londres, Paris, Oslo, Genebra, Bruxelas, Copenhague, Estocolmo.

A luta dos artistas e o auxílio oficial

O Piccolo Teatro de Milão, em sua excursão pela América, conta com o subsídio do governo italiano. No entanto, não vemos no catálogo os retratos do prefeito de Milão ou de qualquer outro figurão. Isto porque os artistas lograram o auxílio oficial não como uma esmola, que qualquer ator digno recusa, mas como o cumprimento de uma obrigação de qualquer governo. E esse auxílio substancial monta a 80% do déficit resultante da excursão pela América.

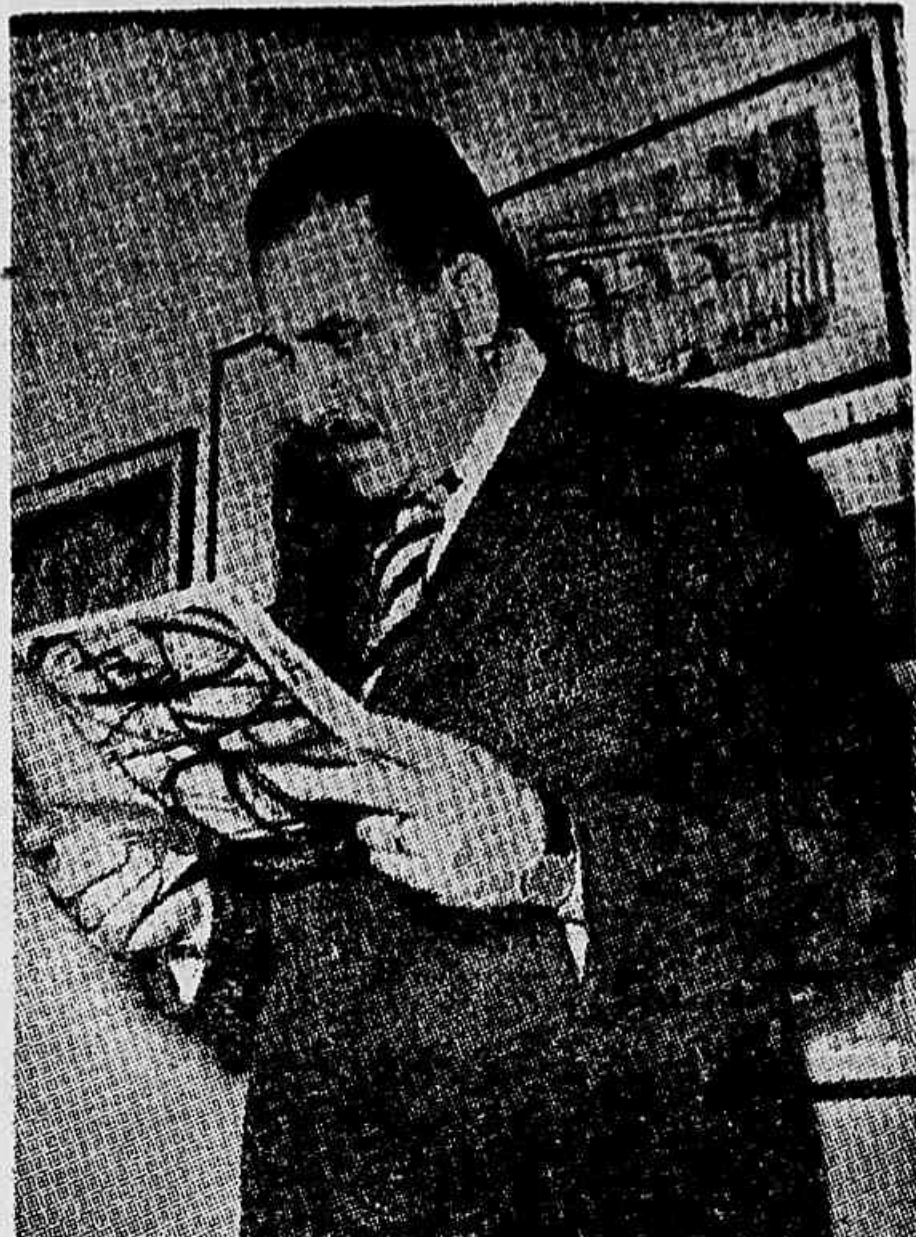
Não pretendo, é claro, desvanecer os méritos dos diretores da empresa italiana, sem os quais o Piccolo Teatro jamais teria atingido o nível que ostenta. Desejo apenas — repetindo Paolo Grassi — frisar o fato de que, sem uma base mínima, não se pode aspirar a algo de sério em teatro. Entre nós o auxílio governamental ao teatro é ridículo. A escassez das verbas destinadas aos fins culturais, o filhoteísmo em sua distribuição, a incapacidade administrativa inutilizam as melhores iniciativas desenvolvidas com o objetivo de criar elencos brasileiros estáveis e artisticamente bons. Provas? O Teatro Brasileiro de Comédia: em dois anos, passou de Pirandello a Roussin.



Tino Carraro

Sandro e Maria Della Costa lutam sozinho contra a corrente, abandonados ao sabor das ondas. E não se fale na Companhia Dramática Nacional, de triste presença.

Que o caso do Piccolo Teatro nos sirva efetivamente de exemplo, entre os inúmeros outros que possuímos. Contemplativamente, nada se conseguirá. Os trabalhadores do teatro precisam lutar por suas reivindicações justas: casas de espetáculos, abolição de impostos, subsídios concretos e equânimes. E não espere que o governo lhe dê isso pelo esplendor de seus belos olhos. Por vontade própria, os homens



Paolo Grassi — diretor geral da companhia

poderão, de vez em quando do governo, quando muito, e para atender a fins pessoais imediatos, confessáveis ou não, fazer aqui e ali uma demagogiazinha à custa dos trabalhadores da cena. Co-

mo a famosa, famosíssima lei Getúlio Vargas, cujo único efeito positivo consistiu na criação do sistema absurdo das chamadas cartas de rescisão. Degradantes para atores e empresários.

...êles eram apenas donos do orvalho...



de Jacques Roumain

Um romance que é uma mensagem poética contra as injustiças sociais.



Coleção ROMANCES DO POVO

Em todas as livrarias

O 5.º volume da Coleção ROMANCES DO POVO, «DONOS DO ORVALHO», de Jacques Roumain, maior escritor haitiano, é considerado como uma das melhores obras literárias latino-americanas da atualidade, já traduzida em mais de 20 línguas. Desenvolvendo uma narrativa simples e poética, o autor, profundo conhecedor dos problemas dos camponeses pobres do Haiti, relata a vida dessa gente e a luta que travam para melhorar a terra que lhes pertence. Descreve, com realismo de mestre, os costumes do ambiente e aspectos do local, tendo como cenário as montanhas e os vales da República negra das Antilhas. O belo romance de amor de Manuel e Anaise, cuja ternura emociona e prende a atenção do leitor, é ameaçado pelo ódio de suas famílias e pela vingança de um perigoso rival. A leitura de «DONOS DO ORVALHO», pelo seu forte conteúdo realista e pelo vigor literário, agrada ao público brasileiro, confirmando, assim, a rigorosa seleção que o escritor Jorge Amado vem fazendo, nesta coleção.